

ARTHUR SCHNITZLER

Breve
romance
de sonho



COMPANHIA DE BOLSO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ARTHUR SCHNITZLER

BREVE ROMANCE
DE SONHO

Tradução
Sérgio Tèllaroli



BREVE ROMANCE
DE SONHO

“VINTE E QUATRO ESCRAVOS BRONZEADOS remavam a magnífica galera que levava o príncipe Amgiad ao palácio do califa. O príncipe, porém, envolto em seu manto purpúreo, jazia sozinho no convés, sob o azul-escuro do céu salpicado de estrelas, e seu olhar...”

Até ali, a pequena lera em voz alta; agora, quase de repente, seus olhos se fechavam. Sorrindo, os pais se entreolharam, Fridolin agachou-se, beijou-lhe os cabelos loiros e fechou o livro sobre a mesa ainda posta. Como se a tivessem flagrado, a menina ergueu os olhos.

“Nove horas”, disse o pai, “está na hora de ir dormir.” E, como também Albertine houvesse se agachado junto da filha, as mãos de ambos cruzaram-se sobre a fronte amada, seus olhares encontrando-se num terno sorriso, agora não mais endereçado apenas à menina. A governanta entrou, lembrou a criança de dar boa-noite aos pais; obediente, a menina se levantou, beijou pai e mãe e, em silêncio, deixou-se conduzir pela moça para fora da sala. A sós, porém, sob a luz avermelhada da luminária que pendia do teto, Fridolin e Albertine tinham súbita pressa em retomar a conversa iniciada antes do jantar, sobre os acontecimentos no baile de máscaras do dia anterior.

Tinha sido seu primeiro baile naquele ano, e, com o Carnaval já se encerrando, haviam decidido ir. No que se refere a Fridolin, logo ao entrar no salão ele fora saudado como um amigo aguardado com impaciência por dois dominós vermelhos, os quais não lograva identificar, embora soubessem com notável exatidão toda sorte de histórias de seu tempo de estudante e de hospital. Do camarote para o qual o tinham convidado com promissora amabilidade, haviam se afastado com a promessa de regressar muito em breve e, aliás, despedidos de suas máscaras, mas se ausentaram por tanto tempo que ele, já impaciente, preferiu

dirigir-se ao salão, onde esperava reencontrar ambas aquelas incertas aparições. Contudo, por mais que as espreitasse, não as avistava em parte alguma; em vez delas, uma outra figura, feminina, enganchou de súbito o braço no seu: sua esposa, que acabara de se desvencilhar bruscamente de um desconhecido, alguém cujo ar melancólico e blasé, aliado a um sotaque estrangeiro, ao que parecia polonês, a havia encantado de início mas que, de repente, a ofendera e mesmo assustara com um comentário inesperado, de rude impertinência. E contentes, no fundo, por terem escapado a um baile de máscaras de uma banalidade decepcionante, logo se viram os dois, homem e mulher, sentados como dois apaixonados entre outros apaixonados junto ao bufê, em meio a ostras e champanhe, conversando satisfeitos como se tivessem acabado de se conhecer, a conversa rumando para uma comédia de galanteios, resistência, sedução e consentimento; e, em casa, após rápida viagem pela noite branca de inverno, mergulharam nos braços um do outro, numa felicidade amorosa já não vivenciada com intensidade fazia muito tempo. Depressa, uma manhã cinzenta despertou-os. O ofício convocara o marido logo cedo para junto do leito de seus enfermos; tampouco os deveres de mãe e dona de casa permitiam a Albertine repousar por muito mais tempo. E dessa maneira as horas do dia haviam se passado sóbrias e predeterminadas, em meio ao trabalho e aos deveres do dia-a-dia; a noite anterior, começo e fim, desvanecera-se; somente agora, terminado o dia de trabalho, tendo a menina ido dormir e sem a expectativa de qualquer perturbação, assomavam de volta à realidade as figuras anuviadas do baile de máscaras: o melancólico desconhecido e os dominós vermelhos; e aqueles acontecimentos insignificantes viam-se de súbito, mágica e dolorosamente, banhados pela enganosa aparência das possibilidades perdidas. Perguntas inocentes, mas perscrutadoras, respostas astuciosas e ambíguas eram trocadas; a nenhum dos dois escapava que o outro não fazia uso de toda a honestidade, de modo que ambos se sentiam dispostos a pequenas vinganças. Exageravam a atração que sobre eles haviam exercido os desconhecidos parceiros de baile, zombavam da reação ciumenta que o outro deixava transparecer,

negando a sua própria. E, no entanto, da charla ligeira acerca da aventura insignificante da noite anterior, mergulharam ambos numa conversa mais séria sobre os desejos ocultos, quase insuspeitos que, mesmo nas almas mais puras e cristalinas, logram produzir turbilhões perigosos e sombrios; falavam das regiões secretas pelas quais pouco ou nada ansiavam e para onde, não obstante, o incompreensível vento do destino poderia, ainda que apenas em sonho, arrastá-los. Afinal, por mais que pertencessem um ao outro no que sentiam e pensavam, sabiam que, não pela primeira vez, um hálito de aventura, liberdade e perigo os tocara na noite anterior; temerosos, atormentando-se em curiosidade silente, buscavam arrancar confissões um do outro, e, aproximando-se amedrontados, procuravam em si próprios por algum fato, indiferente que fosse, por alguma experiência, ainda que sem importância, que pudesse dar expressão ao inexprimível, e cuja sincera confissão porventura os libertasse de uma tensão e uma desconfiança que, pouco a pouco, começava a fazer-se insuportável. Talvez porque mais impaciente, mais honesta ou mais bondosa, Albertine foi quem primeiro encontrou coragem para falar abertamente e, com uma voz algo hesitante, perguntou a Fridolin se ele se lembrava do jovem que, em certa noite do verão anterior na costa dinamarquesa, sentara-se à mesa vizinha acompanhado de dois oficiais e, durante o jantar, ao receber um telegrama, despedira-se apressado dos amigos.

Fridolin assentiu com a cabeça. “O que tem ele?”, perguntou.

“Eu já o tinha visto pela manhã”, respondeu Albertine, “subindo apressado as escadas do hotel com sua valise amarela. Ele me examinara de passagem, mas somente se deteve alguns degraus adiante, voltando-se para mim: nossos olhares tinham de se encontrar. Não sorriu; antes, pareceu-me que seu semblante ensombreceu-se, e o mesmo deve ter acontecido comigo, que me senti tocada como nunca. Na praia, passei o dia inteiro perdida em devaneios. Se ele me chamasse — julguei então —, não teria podido resistir. Acreditava-me capaz de tudo, pronta a abrir mão de você, da criança, de meu futuro; acreditava estar já decidida e, ao mesmo tempo — será que poderá me entender? —, você me

era mais caro do que nunca. Justamente naquela mesma tarde, você há de se lembrar, conversamos intimamente sobre milhares de coisas, como não fazíamos havia muito tempo: sobre nosso futuro, nossa filha. Ao pôr-do-sol, estávamos você e eu sentados na sacada quando, lá embaixo, na praia, ele passou sem erguer os olhos, fazendo-me feliz por vê-lo. Foi, porém, a testa de meu marido que acariciei, beijei seus cabelos, e, em meu amor por você, muito havia também de uma dolorosa compaixão. À noite, eu estava muito bonita, você mesmo me disse, e levava uma rosa branca no cinto. Talvez não por coincidência, o estranho e seus amigos sentaram-se próximos de nós. Ele não olhou para mim, mas eu brincava com a idéia de me levantar, ir até sua mesa e dizer-lhe: aqui estou eu, que tanto o esperei, meu amado; leve-me com você. Nesse instante, trouxeram-lhe o telegrama; ele o leu, empalideceu, sussurrou algumas palavras ao oficial mais jovem e, dirigindo-me um olhar enigmático, deixou o salão.”

“E então?”, Fridolin inquiriu secamente, quando ela se calou.

“E nada mais. Só sei que, na manhã seguinte, acordei um pouco angustiada. O que me angustiava mais — se saber que ele havia partido ou que poderia ainda estar ali —, eu não sei, e tampouco sabia então. Mas, quando não o vi na hora do almoço, respirei aliviada. Não me faça mais perguntas, Fridolin: contei a você toda a verdade. E você também teve uma experiência naquela praia, eu sei.”

Fridolin levantou-se, caminhou de um lado para o outro da sala e, por fim, disse: “Você tem razão”. Estava em pé diante da janela, o rosto encoberto pela escuridão. “Toda manhã”, principiou ele com uma voz velada e algo hostil, “às vezes ainda bem cedo, antes de você se levantar, eu costumava caminhar pela praia, para longe dali; por mais cedo que fosse, o sol sempre brilhava claro e forte sobre o mar. Lá fora, na beira da praia, como você sabe, erguiam-se pequenas casas, cada uma constituindo um mundo em miniatura, algumas circundadas por jardins, outras cercadas apenas pela floresta, a pequena estrada e um pedaço de praia separando as casas das cabines de banho. Raras vezes encontrava viva alma àquela hora da manhã, e jamais se viam banhistas. Uma manhã,

contudo, avistei de repente uma figura de mulher; ainda invisível havia um instante, ela agora se movia cuidadosamente pelo estreito terraço de uma cabine de banho com suas estacas fincadas na areia, colocando um pé à frente do outro, os braços estendidos para trás, apoiados na parede de madeira. Era bastante jovem, uma menina de uns quinze anos, talvez, tinha os cabelos loiros soltos sobre os ombros, escorrendo de um dos lados sobre o seio macio. Olhava para a frente, para a água mais abaixo, e, devagar, deslizava ao longo da parede, rumo à outra extremidade, os olhos baixos, até que, de repente, estava bem diante de mim; com os braços, buscou apoio atrás de si, como se quisesse agarrar-se com maior firmeza, ergueu os olhos e então, de súbito, avistou-me. Um tremor percorreu-lhe o corpo, como se não lhe restasse outra alternativa a não ser afundar ou fugir. Mas como, sobre a estreita tábua, só pudesse mover-se adiante com bastante vagar, decidiu deter-se — e lá estava ela agora, a princípio assustada; depois, furiosa, e, por fim, com uma expressão de constrangimento no rosto. Mas, de repente, sorriu um sorriso maravilhoso; em seus olhos havia um cumprimento, um aceno — e, ao mesmo tempo, uma velada zombaria, munida da qual roçou de leve a água a seus pés, a água que a separava de mim. Então, endireitou o corpo jovem e esbelto, como se contente com a própria beleza, e, como se podia notar com facilidade, orgulhosa e docemente exaltada ao sentir sobre si o brilho do meu olhar. E ali permanecemos um diante do outro por uns dez segundos, talvez, com os lábios entreabertos e os olhos cintilantes. Involuntariamente, estendi os braços em sua direção, seu olhar revelando abandono e alegria. De súbito, porém, ela balançou a cabeça com veemência, afastou um braço da parede e indicou-me de modo categórico que eu deveria me afastar; como não conseguia obedecer a ela, veio-lhe nos olhos de criança um tal pedido, uma tamanha súplica que nada mais me restou a não ser afastar-me. O mais rápido possível, prossegui no meu caminho; não olhei para trás uma única vez sequer, e, na verdade, não por consideração, obediência ou cavalheirismo, mas porque, ante aquele seu último olhar, eu experimentara uma tal comoção, tão

mais forte do que tudo quanto já experimentei, que me sentia à beira de um desmaio.” E Fridolin silenciou.

“E quantas vezes você refez aquele mesmo caminho?”, perguntou Albertine, olhando para a frente, sem qualquer ênfase.

“O que acabo de lhe contar”, respondeu ele, “aconteceu por acaso, no último dia de nossa estada na Dinamarca. Tampouco sei o que teria acontecido em outras circunstâncias. Por isso, também eu peço a você que não me pergunte mais nada, Albertine.”

Fridolin continuava em pé junto à janela, imóvel. Albertine levantou-se, caminhou em sua direção, os olhos úmidos e escuros, a testa levemente enrugada. “Daqui por diante, melhor contarmos logo essas coisas um ao outro”, disse.

E ele assentiu em silêncio.

“Prometa.”

Ele a puxou para junto de si. “E é preciso?”, perguntou; mas sua voz ainda soava dura.

Albertine tomou-lhe as mãos, acariciou-as, ergueu os olhos tristonhos em sua direção, e neles ele pôde ler o que ia pela mente da esposa. Naquele momento, ela pensava nas outras experiências dele, naquelas mais reais de sua juventude, muitas das quais eram do conhecimento dela, uma vez que, nos primeiros anos do casamento, cedendo com demasiada solícitude à enciumada curiosidade de Albertine, Fridolin contara ou — como freqüentemente lhe parecia — confessara a ela muita coisa que teria sido melhor guardar para si. Naquele instante, ele sabia, muitas recordações invadiam-na, de modo que ele não se admirou ao ouvi-la pronunciar, como em sonho, o nome semi-esquecido de uma de suas namoradas da juventude. E, no entanto, aquele nome soou-lhe como uma censura, ou mesmo como uma velada ameaça.

Fridolin aproximou as mãos dela de seus lábios.

“Em cada criatura — creia-me, ainda que possa parecer banal —, em cada criatura que julguei amar, estava apenas e sempre procurando por você. Sei disso melhor do que você é capaz de compreender, Albertine.”

Ela sorriu melancólica. “E se também eu tivesse querido partir nessa busca?”, perguntou. Seu olhar alterou-se, fazendo-se frio e

impenetrável. Fridolin deixou que as mãos dela deslizassem para fora das suas, como se a tivesse flagrado numa inverdade, numa traição. Ela, porém, disse: “Ah, se você soubesse...”, e, de novo, se calou.

“Se eu soubesse? O que você quer dizer?”

Com estranha dureza, ela replicou: “Mais ou menos o que está imaginando, meu caro”.

“Albertine... Então existe alguma coisa que você nunca me contou?”

Ela aquiesceu, olhando para a frente com um enigmático sorriso nos lábios.

Dúvidas incompreensíveis, absurdas, despertaram nele.

“Não entendo”, disse. “Você não tinha nem dezessete anos quando ficamos noivos.”

“Um pouco mais do que dezesseis, é isso mesmo, Fridolin. E, no entanto”, ela o fitava nos olhos, “não dependeu de mim tornar-me sua esposa ainda virgem.”

“Albertine!”

E ela começou a contar:

“Foi no lago de Wörth, pouco antes do nosso noivado, Fridolin. Numa bela noite de verão, lá estava aquele homem jovem e muito bonito diante da minha janela, que dava para uma ampla e vasta pradaria. Nós conversamos, e, no curso da conversa, eu pensava... sim, ouça só o que eu pensava: ‘Mas que jovem belo e encantador; bastaria que me dissesse uma única palavra — claro, teria de ser a palavra certa —, e eu sairia com ele pela pradaria, passearia por onde quisesse, talvez em direção à floresta; mais belo ainda seria sairmos juntos pelo lago numa canoa, e, naquela noite, ele poderia ter de mim tudo o que desejasse’. Sim, eis aí o que eu pensava. Mas ele não disse a palavra, aquele jovem encantador; apenas beijou com ternura a minha mão, e, na manhã seguinte, perguntou-me se aceitaria ser sua esposa. E eu disse sim”.

Aborrecido, Fridolin soltou-lhe a mão. “E se, naquela noite”, disse ele, “um outro por acaso houvesse se postado defronte à sua janela e tivesse dito a palavra certa, digamos...”, e ele se punha já

a pensar num nome, mas ela estendeu os braços para a frente, como a rechaçá-lo.

“Um outro, fosse quem fosse, teria podido dizer o que quisesse: não lhe teria sido de nenhuma valia. Não fosse você a pessoa diante da minha janela”, ela ergueu o rosto num sorriso, “tampouco a noite de verão teria sido tão bonita.”

Fridolin repuxou a boca, numa careta sarcástica. “É o que você diz agora, isso é o que você crê neste momento, mas...”

Bateram à porta. A criada entrou, anunciando que a zeladora da rua Schreyvogel tinha vindo buscar o doutor para levá-lo à casa do conselheiro, que, de novo, estava passando muito mal. Fridolin encaminhou-se para a ante-sala e ficou sabendo pela mensageira que o conselheiro sofrera um ataque do coração e não estava nada bem, portanto prometeu ir sem demora.

“Você vai sair?”, perguntou Albertine, enquanto ele se apressava nos preparativos para partir, e num tom tão irritado como se ele houvesse praticado premeditada injustiça contra ela.

Quase espantado, Fridolin respondeu: “Decerto, é preciso”.

Ela suspirou levemente.

“Tomara que o conselheiro não esteja tão mal”, acrescentou ele. “Até o momento, três centigramas de morfina sempre o ajudaram a superar os ataques.”

A camareira trouxera o casaco de pele; algo distraído, Fridolin beijou Albertine na testa e nos lábios, como se a conversa da última hora já houvesse sido apagada de sua memória, e partiu apressado.

NA RUA, PRECISOU ABRIR O CASACO. O degelo começara de súbito, a neve na calçada derretendo-se já quase por completo, e, no ar, soprava um hálito da primavera iminente. Nem quinze minutos eram necessários para se ir da casa de Fridolin, em Josefstadt, próxima ao Hospital Geral, até a rua Schreyvogel; assim, ele logo subia a mal iluminada e tortuosa escada da velha edificação rumo ao segundo andar, e tocou a campainha; antes, porém, que o antiquado som da sineta se fizesse ouvir, Fridolin notou que a porta estava apenas encostada; atravessou o vestíbulo às escuras e, ao entrar na sala, viu de imediato que havia chegado tarde demais. O candeeiro revestido de verde que pendia do teto baixo lançava um brilho pálido sobre a cama e as cobertas, debaixo das quais jazia estendido e imóvel um corpo franzino. O semblante do morto achava-se envolto em sombras, mas Fridolin o conhecia tão bem que julgou vê-lo com toda a nitidez — magro, enrugado, a testa alta, a barba cheia, curta e branca, a conspícua feiúra das orelhas revestidas de pêlos grisalhos. Marianne, a filha do conselheiro, estava sentada ao pé da cama, os braços frouxos, como se em profunda exaustão. O cômodo cheirava a mobília antiga, remédios, querosene, cozinha; havia também um leve odor de água-de-colônia e sabonete de rosas, e, de algum modo, Fridolin sentia igualmente o insípido cheiro adocicado daquela moça pálida e ainda jovem que, fazia meses, anos, ia murchando aos poucos em decorrência do pesado trabalho doméstico, dos cuidados para com o enfermo e das vigílias noturnas.

A presença do médico, ela voltara o olhar em sua direção, mas, em virtude da iluminação escassa, ele mal podia ver se a moça enrubescera, como sempre ocorria quando ele chegava. Quis levantar-se, mas Fridolin dispensou-a de fazê-lo com um movimento da mão, de modo que ela o cumprimentou com um

aceno da cabeça e os olhos grandes, mas tristes. Ele se aproximou da cabeceira da cama e, num gesto mecânico, tocou a testa do morto, cujos braços estavam pousados sobre a coberta em amplas mangas de camisa, desabotoadas; depois, com um leve pesar, baixou os ombros, enfiou as mãos nos bolsos de seu casaco de pele, deixou que o olhar vagasse pelo cômodo e, por fim, que se detivesse em Marianne. Os cabelos eram fartos e loiros, mas secos; o pescoço, bem desenhado e esbelto, embora não desprovido de dobras e de uma tonalidade amarelada; os lábios, finos, talvez em consequência das muitas palavras que calara.

“Bem, minha cara senhorita”, disse ele num sussurro quase embaraçado, “creio que isso não a apanhou de surpresa.”

Ela estendeu-lhe a mão. Ele a tomou com simpatia, inquiriu por dever de ofício acerca do ataque derradeiro e mortal, o qual ela descreveu de forma breve e objetiva, passando, então, a contar sobre os últimos dias, relativamente bons, em que Fridolin não vira o doente. À oferta de uma cadeira, ele se sentou defronte a ela, consolando-a com a afirmação de que o pai não haveria de ter sofrido em suas últimas horas; depois, perguntou se os parentes já tinham sido informados. Sim, a governanta estava a caminho da casa do tio, e, de qualquer modo, logo chegaria o dr. Roediger, “meu noivo”, acrescentou ela, dirigindo o olhar para a testa de Fridolin, em vez de fitá-lo nos olhos.

Ele apenas assentiu com a cabeça. No curso de um ano, tinha encontrado o dr. Roediger duas ou três vezes naquela casa. O jovem homem, bastante esguio, pálido, com sua barba curta e loira e os óculos, professor de história na Universidade de Viena, lhe havia agradado bastante, sem contudo despertar-lhe maior interesse. Marianne decerto estaria com melhor aspecto se fosse sua amante, pensou. Os cabelos seriam menos secos; os lábios, mais vermelhos e cheios. Quantos anos teria?, perguntou-se. A primeira vez que fui chamado à casa do conselheiro, três ou quatro anos atrás, estava com vinte e três. À época, a mãe ainda vivia. Ela era mais alegre quando ainda tinha a mãe. Não tomara aulas de canto por um breve período de tempo? Então esse professor vai se casar com ela? Por que ela está fazendo isso?

Com certeza, não o ama, e nem ele haverá de ter muito dinheiro. No que se transformará um casamento assim? Bom, será um casamento como milhares de outros. O que me importa? É bem possível que jamais venha a revê-la, pois agora nada mais tenho a fazer nesta casa. Ora, quantas pessoas bem mais próximas do que ela eu jamais tornei a ver.

Enquanto tais pensamentos iam-lhe pela cabeça, Marianne começara a falar sobre o falecido — com uma certa insistência, como se, de repente, pelo simples fato de estar morto, ele houvesse se tornado mais notável. Então ele tinha mesmo apenas cinqüenta e quatro anos? É claro, as muitas preocupações e decepções, a esposa sempre padecendo — e o filho lhe dera tanto trabalho! Como assim? Então Marianne tinha um irmão? Por certo. Já contara ao doutor. O irmão vivia agora no estrangeiro, e lá dentro, no pequeno aposento de Marianne, havia um quadro que ele pintara aos quinze anos de idade. A pintura exibia um oficial descendo uma colina a galope. O pai sempre fizera de conta que o quadro nem se encontrava ali. Mas era um bom quadro. Em circunstâncias mais favoráveis, o irmão de certo teria ido mais longe com sua pintura.

Falava tão agitada, pensou Fridolin, e como brilhavam os olhos! Febre? Bastante possível. Emagrecera ainda mais nos últimos tempos. Provavelmente, tuberculose.

Ela seguia falando sem parar; a ele, porém, parecia que Marianne nem sequer sabia ao certo com quem estava falando; ou que falava consigo própria. O irmão saíra de casa fazia doze anos, ela era ainda uma criança quando ele subitamente desapareceu. A última notícia que chegara dele, vinda de uma cidadezinha italiana, havia sido no Natal, quatro ou cinco anos antes. Estranho, mas esquecera o nome da cidade. E assim ela prosseguiu por mais um tempo, dizendo coisas indiferentes, sem qualquer necessidade e quase sem nexos, até calar-se de repente; agora estava muda, sentada com a cabeça entre as mãos. Fridolin sentia-se cansado e, mais ainda, entediado; esperava ansioso que alguém chegasse, os parentes ou o noivo. O silêncio pesava sobre o cômodo. Para ele, era como se o morto os acompanhasse

naquele silêncio; não porque lhe fosse já impossível falar, mas deliberadamente, e com uma alegria marota.

Fitando-o de soslaio, Fridolin disse: “De qualquer modo, senhorita, na presente situação, é bom que a senhorita não tenha de permanecer por muito mais tempo nesta casa”. E, como ela erguesse um pouco a cabeça, sem contudo dirigir o olhar para ele: “Seu noivo logo terá uma cátedra; afinal, as condições para tanto são mais favoráveis na faculdade de filosofia do que entre nós, na medicina”. Fridolin lembrava-se de que, anos antes, também almejava uma carreira acadêmica, mas, em razão de sua preferência por vida mais confortável, decidira-se enfim pelo exercício prático da medicina; de súbito, então, viu-se em desvantagem no confronto com o nobre dr. Roediger.

“No outono, vamos nos mudar”, respondeu Marianne, imóvel. “Ele recebeu um convite de Göttingen.”

“Ah”, emendou Fridolin, e queria externar alguma espécie de cumprimento, o que, no entanto, lhe pareceu inadequado naquele momento e naquele local. Lançou um olhar para a janela fechada e, sem antes pedir permissão para tanto, como se exercendo um direito médico, abriu ambas as folhas, deixando entrar o ar, que, agora ainda mais quente e primaveril, parecia trazer consigo o perfume suave das florestas distantes que despertavam. Ao se voltar novamente para o interior do cômodo, viu os olhos de Marianne fitando-o interrogativos. Aproximando-se dela, observou: “Espero que o ar fresco lhe faça bem. Esquentou de repente; ainda ontem à noite...”. Ia dizer: voltamos do baile em meio à neve pesada, mas depressa reformulou a frase, completando: “Ontem à noite, tínhamos ainda meio metro de neve nas ruas”.

Ela mal ouvia o que ele estava dizendo. Seus olhos umedeceram-se, grandes lágrimas escorriam-lhe pelas faces e, de novo, ela escondeu o rosto entre as mãos. Involuntariamente, ele pousou a mão no alto da cabeça de Marianne e acariciou-lhe a testa. Sentiu-lhe o corpo começar a estremecer, ela soluçava para dentro, quase inaudível de início; depois, cada vez mais alto, até que, por fim, o fazia sem peias. De súbito, escorregara da cadeira e estava agora aos pés de Fridolin, abraçando-lhe os joelhos e

pressionando o rosto contra eles. Então, ergueu a cabeça, os olhos bem abertos e cheios de dor, e sussurrou com paixão: “Não quero ir-me embora daqui. Ainda que o senhor jamais volte, ainda que eu jamais torne a vê-lo: quero estar por perto”.

Fridolin sentiu-se mais comovido do que espantado; afinal, sempre soubera da paixão dela por ele, ou do que ela imaginava ser uma paixão.

“Levante-se, Marianne”, disse baixinho, agachando-se até ela e erguendo-a com suavidade; é claro que há aí algo de histeria também, pensou. Lançou um olhar sobre o pai morto. Não estaria ele ouvindo tudo?, pensou. Quem sabe não se trata de morte aparente? Quem sabe, nas primeiras horas após a partida, todo ser humano não esteja apenas aparentemente morto? Ele segurava Marianne nos braços, mas mantinha-a algo afastada de si; quase sem querer, beijou-lhe a testa, o que a ele próprio pareceu um tanto ridículo. Lembrou-se vagamente de um romance que lera havia anos, no qual, junto ao leito de morte da mãe, um homem bastante jovem, quase um menino, é seduzido, ou antes violentado por uma amiga da mãe morta. Naquele mesmo instante, não sabia por quê, Fridolin não pôde deixar de pensar na esposa. Sobreveio-lhe uma amargura em relação a ela e um abafado ressentimento dirigido contra aquele senhor na Dinamarca com sua valise amarela, subindo a escadaria do hotel. Puxou Marianne para mais perto de si, mas não sentiu a menor excitação; ao contrário, a visão dos cabelos secos e sem brilho, o odor insípido-adocicado do vestido mal arejado inspirou-lhe ligeira aversão. Lá fora, então, a sineta tocou, e, sentindo-se salvo, Fridolin beijou-lhe apressadamente a mão, como em agradecimento, e foi atender. Postado diante da porta estava o dr. Roediger, com seu sobretudo cinza-escuro, galochas, guarda-chuva na mão e uma expressão séria no rosto, apropriada às circunstâncias. Ambos os senhores cumprimentaram-se com um movimento da cabeça, fazendo-o com uma familiaridade maior do que a correspondente às suas relações de fato. A seguir, entraram no quarto, e, após um olhar acanhado na direção do morto, Roediger expressou suas condolências a Marianne; Fridolin retirou-

se para o cômodo vizinho, a fim de redigir o atestado de óbito; aumentou a chama da lamparina sobre a escrivaninha e seu olhar recaiu na figura do oficial de uniforme branco que, brandindo seu sabre, descia a colina a galope, rumo a um inimigo invisível. A pintura distendia-se numa estreita e antiga moldura dourada, não causando melhor impressão do que uma modesta oleogravura.

Com o atestado já preenchido, Fridolin retornou ao quarto, onde, com os dedos entrelaçados, os noivos encontravam-se sentados junto à cama do pai. De novo, a sineta tocou, ao que o dr. Roediger se levantou e foi abrir a porta; enquanto isso, olhando para o chão e de forma quase inaudível, Marianne disse: “Eu te amo”. Não sem ternura, Fridolin respondeu apenas pronunciando-lhe o nome. Roediger retornou com um casal já de idade. Eram o tio e a tia de Marianne. Trocaram-se algumas palavras adequadas à ocasião, com o acanhamento que a presença de um morto costuma espriar à sua volta. De repente, o pequeno quarto parecia repleto de convidados para o funeral; julgando-se supérfluo, Fridolin despediu-se e foi acompanhado até a porta por Roediger, que se sentiu na obrigação de dizer algumas palavras de agradecimento e externou o desejo de um breve reencontro.

DIANTE DO PORTÃO, Fridolin ergueu os olhos rumo à janela que, pouco antes, ele mesmo abrira; suas folhas tremulavam levemente ao vento de quase-primavera. As pessoas que havia deixado lá em cima, tanto as vivas como o morto, pareciam-lhe da mesma maneira fantasmagóricas e irreais. Ele próprio sentia-se como se houvesse escapado — não tanto de uma aventura, mas de um melancólico encanto que não deveria subjugar-lo. Como único e curioso efeito desse seu estado, não tinha vontade de tomar o caminho de casa. A neve derreteria nas ruas, pequenos amontoados de um branco imundo acumulavam-se à esquerda e à direita, a chama dos lampiões tremeluzia nos postes, e o sino de uma igreja nas proximidades bateu onze horas. Antes de ir dormir, Fridolin decidiu passar cerca de meia hora num calmo café de esquina próximo a sua casa, e assim tomou o caminho através do Rathauspark, o parque da Câmara Municipal. Aqui e ali, no escuro dos bancos de praça, viam-se casais agarradinhos, como se a primavera houvesse já, de fato, chegado, e o ar ilusoriamente quente não estivesse prenhe de perigos. Esticado num banco, um homem em trajes esfarrapados repousava, o chapéu cobrindo-lhe a testa. E se eu o acordasse, pensou Fridolin, e lhe desse dinheiro para o pouso noturno? Ora, mas de que adiantaria?, ponderou; também amanhã eu precisaria dar a ele mais algum, senão não teria sentido, e, no fim, acabaria suspeito de manter com ele relações ainda mais imperdoáveis. E, desse modo, apressou o passo, a fim de escapar com toda a rapidez possível de qualquer tipo de responsabilidade ou tentação. Por que justamente ele?, perguntou-se; só em Viena, há milhares de pobres-diabos assim. Se quisesse cuidar de todos eles — da sorte de todos os desconhecidos! Veio-lhe então à mente o morto de cuja casa acabara de sair, e, com certo tremor e não sem algum nojo, pensou que, segundo leis eternas, a decomposição e a ruína já

havam começado seu trabalho naquele corpo franzino estirado sob a coberta marrom de flanela. E alegrou-se por ainda estar vivo, por todas essas coisas ruins estarem ainda, muito provavelmente, distantes dele; por ser ainda jovem, ter uma mulher amável e encantadora, e por poder, caso lhe aprouvesse, ter outras mais. Para tanto, contudo, decerto necessitaria de ócio maior do que aquele que ora lhe era concedido; e ocorreu-lhe então que, no dia seguinte, às oito da manhã, deveria estar no hospital, que teria pacientes particulares a visitar das onze à uma, que das três às cinco daria consultas e que teria ainda alguns pacientes de que cuidar também no final da tarde. Esperava, pois, que ao menos não o fossem chamar à noite, como acontecera hoje.

Fridolin atravessou a praça, que rebrilhava turva feito um lago amarronzado, e dirigiu-se para sua familiar Josefstadt. De longe, ouviu passos abafados e regulares e, ainda distante, dobrando uma esquina, viu um grupo de estudantes, de seis a oito, vindo em sua direção. Quando a luz de um poste os iluminou, Fridolin acreditou reconhecer nos jovens os bonés azuis de uma liga estudantil. Ele próprio jamais pertencera a nenhuma daquelas ligas, mas, em sua época de estudante, havia enfrentado dois ou três duelos com o sabre. A lembrança dos tempos de faculdade trouxe-lhe de volta à mente os dominós vermelhos que, na noite anterior, o haviam atraído ao camarote, abandonando-o, porém, de forma tão rápida e impertinente. Os estudantes estavam agora bem próximos, falavam alto e riam — será que não conhecia algum deles do hospital? Mas a iluminação precária não lhe permitiu vislumbrar as fisionomias com clareza. Precisou manter-se bem rente ao muro, a fim de não esbarrar neles; já tinham passado; só o último, um sujeito alto vestindo um casaco de inverno aberto, uma venda no olho esquerdo, pareceu permanecer deliberadamente um pouco para trás e, com os cotovelos afastados, deu-lhe um esbarrão. Não poderia ter sido sem querer. Mas quem ele acha que é?, pensou Fridolin, detendo-se involuntariamente; dois passos adiante, o outro fez o mesmo; assim, por um momento, os dois olharam-se nos olhos a uma pequena distância um do outro. De repente, contudo, Fridolin deu-lhe as costas e seguiu seu caminho.

Ouviu uma breve risada atrás de si — e quase deu meia-volta para cobrar satisfação do garoto, mas sentiu uma estranha palpitação no coração, exatamente como doze ou catorze anos antes, quando, certa vez, bateram com violência à sua porta, estando ele em casa na companhia daquela graciosa juvenzinha que tanto apreciava falar no noivo morando distante e decerto inexistente; de resto, era na verdade apenas o carteiro quem batia com tanta violência. Precisamente como naquela ocasião, sentia agora o coração pulsando forte. O que é isso?, perguntou-se irritado, e notou que seu joelho tremia um pouco. Covardia? Ora, que absurdo, respondeu a si mesmo. E vou eu agora me atracar com um estudante bêbado — eu, um homem de trinta e cinco anos, médico formado, casado e pai de uma filha? Desafio! Padrinhos! Duelo! E, no fim, levar uma estocada no braço por causa de um esbarrão tão tolo? Sem poder trabalhar por uma, duas semanas? Ou perder um olho? Ou mesmo ter uma infecção generalizada? E, em oito dias, estar como o paciente da rua Schreyvogel, sob a cobertura de flanela marrom! Covardia? Tinha enfrentado três duelos com o sabre e, certa vez, estivera pronto a enfrentar até mesmo um duelo de pistola, um episódio cuja resolução amigável não se devera, aliás, à iniciativa *dele*. E sua profissão! Exposto a perigos de todos os lados e a todo momento — só que as pessoas sempre se esqueciam disso. Quanto tempo fazia que aquela criança diftérica havia tossido bem no seu rosto? Não mais que três ou quatro dias. Aquilo era motivo de preocupação muito maior do que um mero duelo de sabres. E ele nem sequer voltara a pensar no assunto. Pois se encontrasse de novo o sujeitinho, poderia ainda tirar a limpo aquela história do esbarrão. Não tinha de modo nenhum a obrigação de, à meia-noite, no caminho rumo a um paciente ou de volta de algum paciente, o que afinal bem poderia ter sido o caso — não, não tinha mesmo a obrigação de reagir a um tolo empurrão de um estudante. Se agora, por exemplo, desse com o jovem dinamarquês com quem Albertine... ora, mas que coisa absurda de se pensar! Na verdade, porém, era como se ela houvesse sido amante do tal

rapaz. Pior ainda. Sim, tomara o encontrasse agora. Ah, seria uma bênção estar diante dele na clareira de uma floresta, apontando o cano de uma pistola para aquela cabeça de cabelos loiros e lisos.

De repente, Fridolin viu-se já adiante de seu destino, numa rua estreita pela qual vagavam apenas duas ou três miseráveis prostitutas em sua caça noturna por clientes. Fantasmagórico, pensou. Na memória, também os estudantes com seus bonés azuis se haviam tornado subitamente fantasmagóricos, bem como Marianne, o noivo, o tio e a tia, os quais imaginava agora enfileirados de mãos dadas em torno do leito de morte do velho conselheiro; também Albertine pairava-lhe na mente dormindo sono profundo, os braços cruzados sob a nuca; e mesmo sua filha, deitada agora enroladinha na caminha branca de bronze, e a governanta de faces coradas, com o sinal de nascença na têmpora esquerda — todas aquelas pessoas perdiam-se agora para ele no reino do fantasmagórico. E nessa sensação, embora ela lhe provocasse arrepios, havia igualmente algo de tranqüilizador, algo que parecia libertá-lo de toda responsabilidade, e mesmo desprendê-lo de todo relacionamento humano.

Uma das moças que vagavam pela rua convidou-o a ir com ela. Era uma criatura graciosa e ainda bastante jovem, muito pálida, os lábios pintados de vermelho. Aquilo podia terminar em morte também, pensou, mas não tão rápida! De novo, covardia? No fundo, sim. Fridolin ouviu-lhe os passos e logo a voz dela atrás de si: “Não quer vir comigo, doutor?”.

Sem querer, ele se voltou para ela. “De onde você me conhece?”, perguntou.

“Eu não o conheço”, disse ela, “mas neste bairro são todos doutores.”

Desde os tempos de colégio, ele nunca mais tivera nada com uma mulher daquele tipo. Contudo, a criatura o atraía — estava ele subitamente de volta aos tempos de rapazinho? Lembrou-se de alguém que conhecera de passagem, um jovem elegante de quem se dizia que tinha sorte fabulosa com as mulheres e com quem, nos tempos de estudante, certa vez sentara num bar para conversar, voltando de um baile; antes de se afastar com uma das

freqüentadoras profissionais do local, o rapaz respondera ao olhar admirado de Fridolin dizendo: “É sempre mais cômodo. E elas estão longe de ser as piores”.

“Como você se chama?”, perguntou Fridolin.

“Ora, como haveria de me chamar? Mizzi, é claro.” A moça já havia girado a chave na porta de entrada do prédio, adentrado o vestíbulo e esperava agora que Fridolin a seguisse.

“Vamos logo!”, disse, ao vê-lo hesitar. De repente, ele estava ao lado dela; às suas costas, a porta se fechara; ela a trancou, acendeu uma velinha e pôs-se a iluminar o caminho para ele. Será que enlouqueci?, perguntava-se Fridolin. Evidentemente, não vou sequer tocá-la.

No quarto, ardia uma lamparina. Ela aumentou a chama. Era um quarto bastante aconchegante, bem cuidado e, de todo modo, tinha um cheiro muito mais agradável do que, por exemplo, a casa de Marianne. Decerto — nenhum homem idoso jazera ali doente por meses. A moça sorriu, aproximou-se de Fridolin sem importuná-lo, mas ele a afastou com suavidade. Então, ela apontou para uma cadeira de balanço, na qual ele se acomodou de bom grado.

“Com certeza, está muito cansado”, ponderou ela. Ele aquiesceu. Enquanto se despia sem pressa, ela prosseguiu:

“Bem, um homem assim, quanta coisa não deve ter para fazer durante o dia. Nós não trabalhamos tanto.”

Fridolin notou que os lábios dela não estavam pintados, mas possuíam uma coloração vermelha natural, e fez-lhe um elogio por isso.

“Ora, e por que me pintaria?”, perguntou ela. “Quantos anos você acha que eu tenho?”

“Vinte?”, arriscou ele.

“Dezessete”, respondeu ela, sentando-se em seu colo e enlaçando o pescoço dele com um dos braços, como uma criança.

Quem poderia supor, pensou Fridolin, que me encontro agora precisamente neste quarto? Uma hora, dez minutos atrás teria eu próprio achado isso possível? E — por quê? Por quê? Os lábios dela procuravam os dele, que se reclinou, afastando-se; ela o fitou

com olhos grandes e algo tristes, e deixou-se escapular de seu colo. Fridolin quase lamentou que ela o fizesse, pois no abraço dela havia muito de ternura e consolo.

Ela apanhou o roupão vermelho que pendia da cabeceira da cama, enfiou-se nele e cruzou os braços sobre os seios; desse modo toda a sua figura estava agora coberta.

“Está bom assim?”, perguntou sem ironia, um tanto tímida, como se se esforçasse por entendê-lo. Fridolin não sabia o que responder.

“Sim, você adivinhou”, disse então, “estou mesmo bastante cansado e acho muito agradável ficar sentado aqui, nesta cadeira de balanço, ouvindo-a. Você tem uma voz tão adorável e suave. Fale mais, me conte alguma coisa.”

A moça sentou-se na cama e balançou a cabeça.

“Você está é com medo”, disse baixinho. E, para si própria, numa voz que mal se podia ouvir: “Pena!”.

Aquela última palavra espraiou uma onda de calor pelo sangue de Fridolin. Ele caminhou até ela, quis abraçá-la, explicou que tinha plena confiança nela, e estava até dizendo a verdade. Puxou-a para si, cortejou-a como a uma mocinha, como à mulher amada. Ela resistiu, ele se envergonhou e, por fim, desistiu.

Ela continuou: “Afinal, não dá para saber, um dia acaba acontecendo. Você tem toda razão de estar com medo. E, se acontecer alguma coisa, vai me amaldiçoar”.

As notas de dinheiro que ofereceu, ela as recusou de modo tão resolutivo que Fridolin não teve como insistir. Ela enrolou-se num pequeno xale azul de lã, acendeu uma vela, iluminou o caminho, acompanhou-o até lá embaixo e destrancou a porta. “Hoje fico em casa”, disse. Fridolin tomou-lhe a mão e beijou-a involuntariamente. Ela o fitou surpresa, quase assustada; depois, riu embaraçada e feliz. “Como uma dama”, disse.

Atrás dele, a porta se fechou, e, com um rápido olhar, Fridolin guardou na memória o número do edifício, a fim de, no dia seguinte, poder enviar à pobre e adorável criatura algum vinho e guloseimas.

LÁ FORA, A TEMPERATURA SUBIRA um pouco mais. O vento tépido trazia para a rua estreita um perfume de úmidas pradarias e da primavera distante nas montanhas. Para onde, agora?, Fridolin perguntava-se, como se o natural não fosse dirigir-se finalmente para casa e ir dormir. Contudo, não conseguia decidir-se a fazê-lo. Sentia-se como um apátrida, um excluído, desde o repugnante encontro com os estudantes... Ou desde a confissão de Marianne? Não, desde antes — desde a conversa noturna com Albertine, ele se afastava cada vez mais do território familiar da sua existência rumo a um outro mundo qualquer, distante e estranho.

Vagou a torto e a direito pelas ruas noturnas, sentindo na testa o sopro quente e seco do vento, até que, afinal, com passos decididos, como se houvesse chegado a um destino que buscava fazia tempos, entrou num café de segunda categoria, aconchegante ao velho estilo vienense, não muito grande, razoavelmente iluminado e pouco freqüentado àquela hora da noite.

Num canto, três senhores jogavam cartas; um garçom que os estivera observando ajudou Fridolin a despir o casaco, anotou o pedido e dispôs jornais e revistas na mesa. Sentindo-se seguro e protegido, Fridolin pôs-se a folhear superficialmente os jornais. Uma ou outra notícia prendia sua atenção. Nas ruas de uma cidade qualquer da Boêmia, haviam posto abaixo as placas em alemão. Em Constantinopla, realizava-se uma conferência a respeito da construção de uma ferrovia na Ásia Menor, e dela participara até mesmo Lord Cranford. A firma Benies & Weingruber tinha pedido concordata. Motivada por ciúme, a prostituta Anna Tiger atacara a amiga Hermine Drobizky com vitríolo. Naquela mesma noite estava em curso um festival do arenque nos Sophiensäle. Marie B., uma jovem moradora de Schönbrunner, Hauptstraße 28, se envenenara com sublimado. —

Em sua seca banalidade, todos aqueles fatos, os indiferentes e os tristes, de algum modo tinham um efeito sóbrio e tranqüilizador sobre Fridolin. Sentiu pena da jovem Marie B.; sublimado — que burrice. Naquele instante, enquanto ele estava ali, confortavelmente sentado naquele café, enquanto Albertine dormia tranqüila com os braços cruzados sob a nuca e o conselheiro já deixara para trás todo o sofrimento terreno, Marie B., moradora da Hauptstraße 28, contorcia-se em dores absurdas.

Ergueu o olhar por cima do jornal. E foi então que notou, numa mesa defronte, dois olhos a fitá-lo. Seria possível? Nachtigall...? O outro já o havia reconhecido, levantou contente e surpreso os braços e se dirigiu até ele: era um homem alto, bastante forte, quase rude e ainda jovem, com longos cabelos loiros, um pouco cacheados e já um tanto grisalhos, e um bigode loiro voltado para baixo, à maneira polonesa. Trajava uma capa cinza, aberta, por sobre um fraque um pouco manchado, uma camisa amarrotada com três botões imitando brilhantes e de colarinho amassado, e uma gravata esvoaçante de seda branca. Tinha as pálpebras avermelhadas, talvez conseqüência de muitas noites passadas em claro, mas os olhos cintilavam alegres e azuis.

“Você em Viena, Nachtigall!?” exclamou Fridolin.

“E você não sabia?”, respondeu ele com leve sotaque polonês e moderada entonação judaica. “Como é que pode? Afinal, sou bem famoso!” E riu-se, benfazejo, sentando-se diante de Fridolin.

“Como assim? Será que, em segredo, você se tornou catedrático em cirurgia?”

Nachtigall riu ainda mais alto: “Você não estava me ouvindo agorinha mesmo?”

“Ouvir...? Mas claro!” Somente agora ocorria a Fridolin que, no momento em que entrara no café, e mesmo antes, ao se aproximar, ouvira acordes de piano provenientes das profundezas de algum estabelecimento. “Era você, então!?” exclamou.

“E quem mais poderia ser?”, riu Nachtigall.

Fridolin assentiu com a cabeça. Claro — aquela energia peculiar no toque, os acordes singulares da mão esquerda, algo arbitrários, mas de harmonia agradável, haviam de imediato lhe parecido

familiares. “Então resolveu se dedicar de vez ao piano?”, ponderou Fridolin. Lembrava-se que Nachtigall, logo após o segundo exame preliminar de zoologia — no qual, aliás, passara, embora com sete anos de atraso —, desistira de uma vez por todas do estudo da medicina. Não obstante, seguira ainda circulando durante anos pelo hospital, pelas salas de anatomia, pelos laboratórios e salas de aula, onde, com sua cabeça loira de artista, o colarinho sempre amassado, a gravata esvoaçante que um dia fora branca, exibia sua figura conspícua e, no melhor sentido da palavra, popular, e não apenas entre os colegas, mas também entre muitos dos catedráticos. Filho do proprietário judeu de uma venda de aguardente numa cidadezinha polonesa, deixara a terra natal para vir a Viena, estudar medicina. Já de início, o auxílio insignificante que lhe enviavam os pais não era sequer digno de menção, e, ademais, ele logo deixou de recebê-lo, o que não o impediu de continuar freqüentando a mesa dos estudantes de medicina no Riedhof, mesa da qual também Fridolin fazia parte. Sua conta, pagavam-na, a partir de certo ponto, os colegas mais abastados, revezando-se. Às vezes, ganhava roupas de presente, as quais aceitava de bom grado e sem qualquer falso orgulho. Ainda em sua cidadezinha natal, aprendera os rudimentos de piano com um pianista fracassado que por lá se perdera, e, em Viena, já estudante de medicina, freqüentava ainda o conservatório, onde supostamente era tido como um talento promissor. Também nisso, porém, não foi sério e dedicado o suficiente para dar prosseguimento adequado a sua formação: logo contentou-se com o sucesso musical no círculo de conhecidos, ou, antes, com a diversão que lhes proporcionava com seu piano. Por um tempo, trabalhou como pianista numa escola de dança de subúrbio. Colegas de universidade e companheiros de bar tentaram arranjar-lhe colocações similares em estabelecimentos mais gabaritados, mas, em tais ocasiões, ele sempre tocava única e exclusivamente o que lhe agradava, e enquanto lhe agradasse, iniciando com jovens damas conversações nem sempre conduzidas de forma inofensiva e bebendo mais do que era capaz de agüentar. Certa vez, foi tocar num baile em casa de um diretor de banco. Ainda antes da meia-

noite, quando já tinha embaraçado as jovens dançantes com comentários galantes e maliciosos, chocando assim os senhores que as acompanhavam, ocorreu-lhe tocar um dissoluto canção, acompanhando-o ademais de um dístico de significado ambíguo, cantado com sua potente voz de baixo. O diretor de banco repreendeu-o com veemência. Tomado de aparente e bem-aventurado contentamento, Nachtigall levantou-se e abraçou o diretor, que, apesar de igualmente judeu, cuspiu-lhe revoltado e cara a cara um popular palavrão, ao qual, sem demora, Nachtigall respondeu com um possante sopapo — o que pareceu colocar um ponto final em sua carreira nas melhores casas da cidade. Em círculos mais íntimos, ele em geral sabia comportar-se com maior decência, embora também nessas circunstâncias, conforme avançavam as horas, se fizesse às vezes necessário afastá-lo à força do local. Na manhã seguinte, contudo, os envolvidos já haviam perdoado e esquecido o incidente. Um dia, de repente, tendo todos os colegas concluído seus estudos fazia muito tempo, ele desapareceu da cidade sem se despedir. Durante alguns meses, seguiu enviando cartões procedentes das mais diversas cidades russas e polonesas; e, uma vez, sem maiores explicações, Fridolin — por quem Nachtigall sempre tivera especial carinho — viu-se lembrado da existência do amigo não apenas por um cartão, como também pela solicitação de uma modesta soma em dinheiro. Fridolin enviou-lhe o dinheiro sem demora, sem jamais receber de Nachtigall um agradecimento ou qualquer outro sinal de vida.

Naquele momento, todavia, às quinze para a uma da madrugada, Nachtigall insistia em reparar de imediato seu esquecimento e, na soma exata, retirou as notas de uma carteira bastante surrada, mas, de resto, razoavelmente repleta, de modo que Fridolin pôde aceitar em sã consciência o pagamento...

“Quer dizer então que as coisas vão indo bem”, disse sorrindo, como se tranquilizasse a si próprio.

“Não posso me queixar”, respondeu Nachtigall. E, pondo a mão no braço do amigo: “Agora, me diga uma coisa: o que é que você está fazendo aqui no meio da noite?”.

Fridolin explicou sua presença ali tarde da noite alegando necessidade premente de tomar uma xícara de café após visita noturna a um paciente; sem saber ao certo por quê, ocultou, porém, o fato de já não ter encontrado seu paciente com vida. A seguir, pôs-se a falar de um modo bem geral sobre suas atividades na policlínica, no consultório particular, mencionando que estava casado, muito bem casado, e que era pai de uma menina de seis anos.

Depois, foi a vez de Nachtigall contar que, conforme supusera corretamente Fridolin, ele passara todos aqueles anos trabalhando como pianista numa série de cidades e cidadezinhas polonesas, romenas, sérvias e búlgaras, e que tinha uma mulher em Lemberg com quatro filhos — riu alto ao dizê-lo, como se fosse muito engraçado ter quatro filhos, todos em Lemberg, e todos de uma única mulher. Desde o outono anterior, estava de novo em Viena. O teatro de variedades que o contratara quebrara em seguida, por isso agora tocava onde calhasse, nos mais diversos bares, às vezes em dois ou três numa mesma noite, como ali naquele porão, por exemplo... não exatamente um estabelecimento dos mais nobres, acrescentou, uma espécie de boliche, na verdade, e, quanto ao público... “Mas, quando se tem quatro crianças para cuidar, e uma mulher em Lemberg...”, e pôs-se a rir outra vez, porém já não tão divertido quanto antes. “Tenho também alguns clientes particulares”, completou depressa. E, ao perceber um sorriso de lembrança no rosto de Fridolin: “Não, não são diretores de banco e gente assim, mas pessoas de todos os círculos, até mais graúdos, alguns públicos e outros secretos”.

“Secretos?”

Nachtigall exibiu um olhar sombrio e astuto. “Vêm me buscar daqui a pouco.”

“Quer dizer que você ainda vai tocar esta noite?”

“Vou. É que lá só começa às duas.”

“Mas isso é muito elegante”, disse Fridolin.

“Sim e não”, riu-se Nachtigall, reassumindo quase de imediato o ar sério.

“Sim e não?”, repetiu Fridolin, curioso.

E Nachtigall curvou-se sobre a mesa, na direção do velho amigo:

“Hoje vou tocar na casa de uma pessoa, mas de quem é a casa eu não sei”.

“Então vai tocar lá pela primeira vez?”, perguntou Fridolin com crescente interesse.

“Não, já é a terceira. Mas, provavelmente, será de novo numa casa diferente.”

“Não entendo.”

“Nem eu”, riu-se Nachtigall. “Melhor nem perguntar.”

“Hã...”, murmurou Fridolin.

“Ah, não, você está enganado. Não é o que está pensando. Já vi muita coisa, mal dá para acreditar; nessas cidadezinhas pequenas... principalmente na Romênia... a gente vê cada uma. Mas aqui...” Nachtigall afastou um pouco a cortina amarela da janela, olhou lá para fora e, como se falasse consigo próprio, disse: “Ainda não chegou”. Depois, explicou a Fridolin: “O carro, quero dizer. Vem sempre um carro me buscar, e cada vez é um carro diferente”.

“Você está me deixando curioso, Nachtigall”, Fridolin observou com frieza.

“Escute”, disse Nachtigall, depois de hesitar um pouco, “se pudesse permitir a alguém neste mundo... mas como...?” E, de repente: “Você é corajoso?”.

“Que pergunta singular”, respondeu Fridolin no tom de um estudante ofendido.

“Não quis dizer isso.”

“Quis dizer o quê, então? Para que é preciso tanta coragem num negócio desses? Afinal, o que pode acontecer?” Fridolin deu uma breve e desdenhosa risada.

“Comigo nada. No máximo, que hoje seja a última vez... mas é possível que seja mesmo a última vez.” Nachtigall calou-se, espiando novamente pela fresta da cortina.

“Ora, então.”

“Como assim?”, perguntou Nachtigall, como se estivesse num sonho.

“Conte mais. Agora que você já começou... Um encontro secreto? Grupo fechado? Convidados?”

“Não sei. Recentemente, eram trinta pessoas; da primeira vez, apenas dezesseis.”

“Um baile?”

“Um baile, claro.” Parecia agora arrependido de ter começado a falar.

“E você toca para elas?”

“Como assim? Não sei para quem ou para que eu toco. É verdade: não sei. Fico lá, tocando e tocando... com os olhos vendados.”

“Nachtigall, Nachtigall, que história é essa?”

Nachtigall suspirou baixinho. “Mas, infelizmente, não de todo vendados. Não a ponto de eu não conseguir ver nada. Na verdade, através do pano de seda preto, vejo um espelho...” E, mais uma vez, ele se calou.

“Resumindo”, Fridolin disse, impaciente e desdenhoso, mas sentindo uma estranha excitação, “vadias nuas.”

“Não diga ‘vadias’, Fridolin”, respondeu Nachtigall, como se tivesse se ofendido. “Mulheres como aquelas, você nunca viu.”

Fridolin pigarreou de leve. “E quanto custa o ingresso?”, perguntou de passagem.

“Bilhetes, você quer dizer, ou algo assim? Ora, mas o que está pensando?”

“Bom, e como é que se faz para entrar?”, perguntou Fridolin, com os lábios apertados e tamborilando na mesa.

“Precisa conhecer a senha, e ela muda a cada vez.”

“Qual é a de hoje?”

“Ainda não sei. Só fico sabendo com o cocheiro.”

“Me leve com você, Nachtigall.”

“Não dá. É perigoso demais.”

“Há um minuto você mesmo estava com a intenção de... me ‘permitir’. Tem de ser possível, então.”

Nachtigall olhou para o amigo, examinando-o. “Do jeito que você está é impossível... todos usam máscaras, os homens e as mulheres. Você tem aí uma máscara ou coisa assim? Então não

dá. Quem sabe da próxima vez? Vou me informar melhor.” E, aguçando os ouvidos, Nachtigall deu outra espiada pela fresta da cortina e, aliviado, disse: “Aí está o carro. *Adieu*”.

Fridolin segurou-o firme pelo braço. “Você não vai me escapar assim. Vai me levar com você.”

“Mas, colega...”

“Deixe o resto comigo. Sei que é ‘perigoso’... talvez seja justamente isso que me atrai.”

“Já vou lhe dizendo: sem uma fantasia e uma máscara...”

“Existem lugares onde a gente pode alugar uma fantasia.”

“À uma da manhã?”

“Escute, Nachtigall, na esquina da rua Wickenburg tem um lugar assim. Todo dia, passo um par de vezes pela tabuleta.” E apressado, numa excitação crescente: “Você me espera aqui por uns quinze minutos. Enquanto isso, vou até lá, tentar a sorte. O proprietário da loja deve morar ali mesmo. Senão... bom, senão desisto. Que o destino decida. Naquele mesmo edifício tem um café, Café Vindobona é o nome, acho. Diga ao cocheiro... que esqueceu alguma coisa no café e entre, eu vou estar esperando junto da porta, você me diz a senha depressa e volta para o carro; eu, se conseguir uma fantasia, tomo rápido um outro carro e o sigo... o restante há de dar certo. Quanto ao risco, Nachtigall, tem minha palavra de honra de que assumirei a minha parte”.

Em vão, Nachtigall tentara algumas vezes interrompê-lo; Fridolin jogou o dinheiro da conta na mesa, acrescentando uma gorjeta demasiado generosa, conforme lhe pareceu apropriado ao estilo daquela noite, e saiu. Lá fora, via-se um carro fechado, o cocheiro sentado imóvel na boléia, todo de preto e portando uma altíssima cartola — como um carro fúnebre, pensou Fridolin. Após alguns minutos de passadas apressadas, chegou ao edifício de esquina que procurava, tocou a sineta, informou-se com o zelador se o dono da loja de fantasias, Gibiser, morava ali e, em silêncio, teve esperança de que tal não fosse o caso. Gibiser, porém, morava de fato naquele mesmo edifício, no pavimento logo abaixo

da loja, o zelador nem sequer pareceu particularmente espantado com a visita tardia; ao contrário, tendo a considerável gorjeta de Fridolin o tornado afável, ele observou que, durante o Carnaval, não era nada raro que pessoas aparecessem àquela hora da noite para alugar fantasias. E, desde o piso térreo, seguiu iluminando o caminho com sua vela até que Fridolin houvesse já tocado a sineta no primeiro andar. Como se estivesse esperando à porta, o próprio sr. Gibiser atendeu; era esguio, careca, não usava barba e vestia um florido e antiquado roupão de dormir, além de um boné turco dotado de borla, traje que lhe dava o aspecto de um velho ridículo no palco de um teatro. Fridolin explicitou seu desejo, mencionando que o preço não era problema, ao que o sr. Gibiser observou, quase com desdém: “Peço o que me cabe, nada mais”.

Por uma escada de caracol, conduziu Fridolin até a loja, no andar de cima. O lugar cheirava a seda, veludo, perfumes, poeira e flores secas; na escuridão incerta, rebrilhavam pontos prateados e vermelhos; de repente, entre prateleiras abertas de um longo corredor perdendo-se na escuridão, uma porção de pequenas lâmpadas pôs-se a cintilar. Penduradas à direita e à esquerda, fantasias de todos os tipos: de um lado, cavaleiros, escudeiros, camponeses, caçadores, sábios, orientais, bufões; do outro, damas da corte, donzelas, camponesas, camareiras, rainhas da noite. Logo acima das fantasias, viam-se os adereços correspondentes para a cabeça, o que levou Fridolin a sentir-se como se caminhasse por uma alameda de enforcados prontos a se convidarem para dançar. O sr. Gibiser o seguia. “O cavalheiro deseja alguma coisa em particular? Luís XIV? Algo ao estilo diretório? Alemão antigo?”

“Preciso apenas de um hábito escuro de monge e de uma máscara preta, nada mais.”

Nesse momento, um tilintar de vidros fez-se ouvir no final do corredor. Assustado, Fridolin encarou o dono da loja, como se este lhe devesse alguma explicação imediata. O sr. Gibiser, porém, permaneceu impassível, tateando à procura de um interruptor oculto em alguma parte — de pronto, uma claridade ofuscante derramou-se até o final do corredor, onde agora se podia ver uma

mesinha posta, com pratos, copos e garrafas. De cada uma das cadeiras, à direita e à esquerda, ergueu-se um senescal trajando um talar vermelho, enquanto, no mesmo instante, uma criatura graciosa e astuta desaparecia rapidamente. A passos largos, Gibiser precipitou-se naquela direção, estendeu a mão por sobre a mesa e agarrou uma peruca branca; concomitantemente, esgueirando-se por baixo da mesa, uma mocinha encantadora, ainda bastante jovem, quase uma criança, vestindo uma fantasia de pierrete e meias brancas de seda, correu pelo corredor ao encontro de Fridolin, que nada mais pôde fazer senão acolhê-la nos braços. Gibiser soltara a peruca branca na mesa e segurava firme os senescals à direita e à esquerda pelas dobras de seus talares. Enquanto isso, gritou para Fridolin: “Cavalheiro, segure a menina para mim”. Esta apertava-se contra ele, como se Fridolin tivesse de protegê-la. Seu rostinho delgado estava branco de pó-de-arroz e coberto de falsas pintinhas, dos tenros seios provinha um perfume de rosas e pó-de-arroz; os olhos sorriam travessuras e prazer.

“Cavalheiros”, advertiu Gibiser, “os senhores permanecem aqui até que eu possa entregá-los à polícia.”

“Mas o que é que o senhor está pensando?”, protestaram ambos. E, a uma só voz: “Atendemos a um convite da menina”.

Gibiser soltou-os, e Fridolin pôde ouvi-lo dizendo: “Sobre isso, os senhores terão de prestar maiores esclarecimentos. Ou será que não viram de imediato que estavam lidando com uma pessoa perturbada?”. E, voltando-se para Fridolin: “Perdoe-me o incidente, cavalheiro”.

“Oh, não tem importância”, respondeu ele. Teria preferido ficar como estava ou levar de pronto a menina consigo, fosse para onde fosse — e quaisquer que fossem as conseqüências. Com os olhos voltados para cima, ela o fitava sedutora e infantil, como se estivesse encantada. Os senescals conversavam agitados no final do corredor. Com objetividade, Gibiser dirigiu-se novamente a Fridolin, perguntando: “O senhor deseja um hábito, cavalheiro, um chapéu de peregrino, uma máscara?”.

“Não”, disse a pierrete com olhos cintilantes, “dê a este senhor um casaco de arminho e um gibão de seda vermelha.”

“Você não saia do meu lado”, Gibiser disse a ela, e apontou para um hábito de cor escura pendurado entre um lansquenê e um senador veneziano. “Este é do seu tamanho, e aqui está o chapéu apropriado. Pegue, por favor, depressa.”

Outra vez manifestavam-se os senescais: “O senhor vai nos deixar partir imediatamente, sr. Chibisier”. Para surpresa de Fridolin, pronunciaram o nome Gibiser à francesa.

“Não há a menor possibilidade”, retrucou, irônico, o dono da loja. “Por enquanto, os senhores vão me fazer a gentileza de aguardar aqui o meu retorno.”

Nesse meio-tempo, Fridolin vestiu o hábito e atou as pontas pendentes do cordão branco com um nó; de pé numa escada estreita, Gibiser passou-lhe o chapéu de peregrino, preto e de abas largas, que Fridolin pôs na cabeça; tudo isso, porém, ele fez como se estivesse sob coação, pois sentia cada vez mais forte uma espécie de dever: o de permanecer ali e socorrer a pierrete numa situação de perigo iminente. A máscara que Gibiser depositava-lhe agora nas mãos, e que ele experimentou de imediato, exalava um perfume estranho, algo repugnante.

“Você vai na frente”, Gibiser ordenou à pequena, apontando autoritário para a escada. A pierrete voltou-se, lançou um olhar para o final do corredor e despediu-se com um aceno alegre e melancólico. Fridolin seguiu-lhe o olhar; já não se viam os senescais, mas dois jovens e esbeltos senhores trajando fraque e gravata branca, ambos, no entanto, ainda com as máscaras vermelhas no rosto. Como se pairasse no ar, a pierrete desceu pela escada de caracol, tendo Gibiser logo atrás de si; Fridolin os seguiu. Lá embaixo, no vestíbulo, depois de abrir uma porta que conduzia para o interior da casa, Gibiser disse à pierrete: “Vá já para a cama, criatura desprezível; conversaremos assim que eu acertar as contas com os senhores lá em cima”.

Branca e delicada, ela permaneceu à porta e, fitando Fridolin, balançou a cabeça com tristeza. Num grande espelho de parede à direita, ele divisou um magro peregrino que não era senão ele

próprio, e admirou-se da naturalidade com que as coisas aconteciam.

A pierrete desaparecera, o idoso senhor da loja de fantasias trancou a porta. Depois, abriu a porta da frente e compeliu Fridolin a rumar para a escada do edifício.

“Perdoe-me”, disse Fridolin, “mas ainda não paguei...”

“Não se preocupe, cavalheiro. O pagamento será feito quando da devolução. Confio no senhor.”

Fridolin, porém, não saía do lugar. “Prometa-me que o senhor não fará nada de mau à pobre criança.”

“E que importância tem isso para o senhor?”

“Antes, ouvi o senhor dizer que a menina era perturbada... e agora o senhor a chamou criatura desprezível. Uma notória contradição, o senhor não há de negar.”

“Ora, meu senhor”, respondeu Gibiser num tom teatral, “e o louco não é alguém desprezado por Deus?”

Fridolin agitou os braços com repugnância.

“Ainda assim”, observou, “remédio decerto haverá. Sou médico. Amanhã, conversaremos mais sobre o assunto.”

Gibiser sorriu um sorriso irônico e silencioso. Na escada, uma luz acendeu-se de repente, a porta entre Gibiser e Fridolin fechou-se, e de imediato ouviu-se um trinco. Enquanto descia a escada, Fridolin livrou-se do chapéu, do hábito e da máscara, enfiando-os debaixo do braço; o zelador abriu a porta, o coche fúnebre estava parado bem em frente, com o cocheiro imóvel na boléia. Nachtigall preparava-se para deixar o café, e não pareceu agradar-lhe muito que Fridolin chegasse pontualmente.

“Então você conseguiu arrumar uma fantasia?”

“Como você pode ver. E a senha?”

“Você quer mesmo?”

“Sem sombra de dúvida.”

“Então está bem: a senha é Dinamarca.”

“Você enlouqueceu, Nachtigall?”

“Enlouqueci? Por quê?”

“Nada. Não é nada. É que, por acaso, estive na costa dinamarquesa no verão. Suba, então, vá indo... mas não já: dê-me

algum tempo para apanhar um carro logo ali.”

Nachtigall assentiu com um movimento de cabeça e acendeu com calma um cigarro, enquanto Fridolin atravessava a rua depressa, tomava um fiacre e, num tom inofensivo, como se se tratasse de uma brincadeira, instruía o cocheiro para que seguisse o coche fúnebre, que, à sua frente, punha-se já em movimento.

Atravessaram a Alserstraße, rumaram para um viaduto ferroviário do subúrbio e adiante, por ruazinhas secundárias mal iluminadas e vazias. Fridolin cogitou a possibilidade de o cocheiro ter perdido a pista do carro à frente; contudo, toda vez que esticava a cabeça para fora da janela aberta, em direção ao ar estranhamente quente da noite, via sempre o outro carro a uma distância razoável, seu cocheiro sentado imóvel na boléia, a altíssima cartola na cabeça. Tudo isso pode também acabar mal, pensou. E, ao fazê-lo, seguia sentindo o perfume de rosas e pó-de-arroz que lhe subira dos seios da pierrete. Em que estranho romance rocei ali?, perguntava-se. Não deveria ter partido, talvez não devesse tê-lo feito. Afinal, onde estou agora?

Por entre modestas quintas, o caminho subia lentamente. Fridolin acreditava já ter se localizado; anos antes, passeios costumavam às vezes levá-lo até ali: deviam estar subindo o Galitzinberg. À esquerda, lá embaixo, via a cidade dissipando-se em neblina, milhares de luzes cintilando. Atrás de si, ouviu o rolar de rodas e, enfiando a cabeça para fora da janela, voltou-se para olhar. Dois carros o seguiam, o que lhe agradou: de forma alguma pareceria suspeito aos olhos do cocheiro do carro fúnebre.

Com um súbito e violento solavanco, o carro entrou por uma estrada lateral, e, por entre grades, muros e encostas, o caminho agora descia como se rumasse para um despenhadeiro. Ocorreu-lhe, nesse momento, que já estava mais do que na hora de vestir a fantasia. Despiu o casaco de pele e enfiou-se no hábito, exatamente da mesma maneira como, toda manhã, metia-se nas mangas do avental de linho do hospital; pareceu-lhe então algo redentor que, dali a algumas horas, se tudo desse certo, ele estaria outra vez circulando entre os leitos de seus pacientes, como toda manhã — um médico pronto a socorrer.

O carro deteve-se. E se, em vez de descer, eu voltasse agora mesmo?, pensou Fridolin. Mas, para onde? Para a pequena pierrete? Para a prostitutazinha da Buchfeldgasse? Para Marianne, a filha do falecido? Ou para casa? E, com um leve arrepio, sentiu que não havia lugar pelo qual menos ansiasse naquele momento do que sua casa. Ou seria porque aquele lhe parecia o caminho mais longo? Não, não posso voltar, pensou. Tenho de seguir meu caminho, nem que seja para a morte. E riu-se ele próprio de sua grandiloquência, embora não se sentisse particularmente alegre.

O portão de um jardim encontrava-se escancarado. Diante dele, o coche fúnebre mergulhou ainda mais fundo no despenhadeiro, ou na escuridão que assim lhe parecia. Nachtigall, em todo caso, já desembarcara. Fridolin saltou rapidamente do carro e instruiu o cocheiro para que aguardasse seu retorno lá em cima, na curva, por quanto tempo fosse necessário. A fim de assegurar-se de que seria atendido, pagou adiantado e com generosidade, prometendo igual quantia pela viagem de volta. Os carros que o haviam seguido chegaram. Do primeiro, Fridolin viu descer uma figura encoberta de mulher; depois, avançou pelo jardim, pôs a máscara, um caminho estreito, iluminado desde a casa, conduzia até a porta; as duas folhas se abriram, e Fridolin achava-se num estreito vestíbulo branco. Sons de harmônio aproximaram-se, dois criados vestindo librés escuras, os rostos ocultos por máscaras cinza, estavam postados à direita e à esquerda.

“Senha?”, sussurraram a duas vozes. Ao que ele respondeu: “Dinamarca”. Um dos criados recebeu seu casaco de pele e desapareceu com ele rumo a uma sala lateral; o outro abriu a porta, e Fridolin adentrou a penumbra, quase escuridão, de um alto salão de cujas paredes pendia em toda a volta seda negra. Mascarados, todos em trajes eclesiásticos, caminhavam para um lado e para o outro, de dezesseis a vinte pessoas, monges e freiras. Soando suaves, os acordes do harmônio pareciam provir do alto — música sacra italiana. Num canto do salão, via-se um pequeno grupo, três freiras e dois monges; dali, alguém já se voltara de modo furtivo uma, duas vezes em sua direção, talvez deliberadamente. Fridolin notou que era o único com a cabeça

coberta; tirou o chapéu de peregrino e pôs-se a vagar pelo salão tão inofensivamente quanto possível; um monge roçou-lhe o braço e cumprimentou-o com um aceno; por baixo da máscara, contudo, e por um segundo, um olhar penetrou fundo no seu. Um perfume agradável, estranho e quente como o dos jardins do Sul, o envolvia. De novo, o roçar de um braço. Dessa vez, o de uma freira. Como os outros, também ela enrolara um véu preto ao redor da testa, do rosto e da nuca, a boca vermelha cintilando sob a renda preta de seda da máscara. Onde estou?, pensou Fridolin. No meio de loucos? Conspiradores? Teria vindo parar na assembléia de alguma seita religiosa? Será que haviam ordenado a Nachtigall, será que lhe haviam pagado para trazer consigo algum não-iniciado, a fim de divertir os demais? No entanto, para uma brincadeira de mascarados, tudo aquilo parecia sério, monótono, excessivamente sinistro. Aos acordes do harmônio, juntara-se agora uma voz feminina, uma antiga ária sacra italiana ecoava pelo salão. Todos ficaram em silêncio, como se ouvissem, e, por alguns momentos, mesmo Fridolin deixou-se cativar por aquela melodia soando maravilhosa. De repente, uma voz de mulher sussurrou atrás dele: “Não se volte, não olhe para mim. Ainda há tempo de partir. Aqui não é seu lugar. Se descobrirem, vai acabar mal”.

Fridolin estremeceu de susto. Por um segundo, cogitou de seguir o conselho. A curiosidade, porém, a atração e sobretudo o orgulho foram mais fortes do que qualquer ponderação. Agora que já cheguei até aqui, pensou, que tudo termine como tiver de terminar. E balançou a cabeça negativamente, sem se voltar para trás.

A voz, então, lhe disse: “Eu sentiria muito pelo senhor”.

E ele se voltou. Reluzindo através da renda, viu a boca vermelha, olhos escuros mergulharam nos seus. “Vou ficar”, respondeu num tom heróico de que não se sabia capaz, e tornou a desviar o rosto. O canto ressoava belíssimo, o harmônio ecoava agora de uma maneira nova, não mais como numa igreja, mas mundano, luxuriante, retumbando feito um órgão; olhando em torno, Fridolin percebeu que todas as freiras tinham desaparecido,

apenas os monges permaneciam no salão. Também o canto abandonara sua sombria seriedade, passando por um rebuscado e ascendente trinado em direção à limpidez e ao júbilo; em vez do harmônio, no entanto, um terreno e insolente piano começara a tocar. Fridolin reconheceu no mesmo instante o toque impetuoso, instigante de Nachtigall, e a outrora tão nobre voz feminina, num derradeiro grito agudo e voluptuoso, alçou vôo e, por assim dizer, atravessou o teto a caminho do infinito. À direita e à esquerda, portas haviam se aberto; de um dos lados, Fridolin reconheceu ao piano os contornos ensombrecidos da figura de Nachtigall; o salão defronte, porém, irradiava ofuscante claridade, e nele viam-se mulheres imóveis, todas com véus negros ao redor da cabeça, testa e nuca, máscaras de renda negra no rosto, seus corpos inteiramente nus. Os olhos de Fridolin vagavam sedentos por aquelas figuras, das exuberantes às esbeltas, das tenras às de mais vistoso desabrochar; e que cada nudez permanecesse um segredo, os grandes olhos por trás das máscaras negras como enigmas insolúveis a fitá-lo, isso transformava o indizível prazer do olhar num tormento insuportável do desejo. Assim era decerto não somente para ele, bem como para todos os demais. A respiração alterada pelo encanto logo fez-se um gemido soando a dor profunda; de algum ponto irrompeu um grito — e, de repente, como se acossados, e não mais em seus hábitos de monge, mas vestindo festivos trajes de cavaleiros, brancos, amarelos, azuis e vermelhos, todos precipitaram-se da penumbra do salão rumo às mulheres, sendo recebidos por loucas risadas, quase malignas. Fridolin, ainda monge, foi o único a ficar para trás, deslizando em silêncio, algo medroso, para o canto mais distante do salão, onde se viu na proximidade de Nachtigall, que tinha as costas voltadas para ele. Por certo, viu que Nachtigall portava uma venda nos olhos, mas acreditou igualmente notar que, por trás da venda, os olhos do amigo estavam cravados no grande espelho logo em frente, no qual os coloridos cavaleiros giravam com suas dançarinas nuas.

De súbito, postada bem atrás dele, uma das mulheres sussurrou-lhe — pois, como se também as vozes tivessem de permanecer em

segredo, ninguém falava alto — ao ouvido: “Por que tão sozinho? Por que excluir-se da dança?”.

Fridolin viu que, de outro canto, dois nobres o fitavam atentos, e supôs que a criatura a seu lado — era esbelta, tinha o aspecto de um meninote — lhe fora enviada para pô-lo à prova e tentá-lo. Não obstante, estendeu os braços para ela, a fim de puxá-la para si; foi quando outra das mulheres soltou-se do parceiro e correu em sua direção. Soube de imediato que se tratava de sua conselheira de antes. Ela fez como se o tivesse visto somente então, e sussurrou — embora de modo tão audível que haveriam de ouvi-la também do outro canto: “De volta, finalmente?”. E, rindo alegre: “Não adianta: já o reconheci”. Virando-se para a outra, com aspecto de meninote, acrescentou: “Deixe-me levá-lo por apenas dois minutos. Depois, você poderá tê-lo até amanhã cedo, se quiser”. E, baixinho, parecendo divertida: “É ele. Sim, ele”. A outra espantou-se: “Mesmo?”, e retornou ao canto de onde viera, ao encontro dos cavaleiros.

“Não me faça perguntas”, disse então a que ficara a Fridolin, “e não se assuste com nada. Eu tentei enganá-los, mas vou logo dizendo: não será possível por muito tempo. Fuja antes que seja tarde demais. E a qualquer momento isso pode acontecer. Cuide para que não sigam sua pista. Ninguém pode saber quem você é. Seria o fim do seu sossego, o fim da sua paz, para sempre. Vá!”

“Vou vê-la de novo?”

“Impossível.”

“Então vou ficar.”

Um tremor atravessou o corpo nu, transmitindo-se a ele e quase turvando-lhe os sentidos.

“Tudo o que está em jogo é a minha vida”, disse ele, “e para mim, neste momento, você vale esse risco.” Fridolin tomou as mãos dela, tentando puxá-la para si.

De novo, ela murmurou como se em desespero: “Vá!”.

Ele se pôs a rir, e ouvia o próprio riso da forma como as pessoas se ouvem nos sonhos. “Agora vejo onde estou. Vocês não estão aqui, vocês todas, apenas para nos enlouquecer com essa

visão! Você só está me pregando uma peça especial, para me deixar completamente maluco.”

“Logo será tarde demais, vá embora!”

Fridolin não queria ouvi-la. “Não haverá aqui aposentos ocultos para os quais possam retirar-se os pares que se encontraram? Todos os que estão aqui vão se despedir uns dos outros com um gentil beijo na mão? Não me parece que aqueles ali farão algo desse tipo.”

E ele apontou para os pares que, ao som frenético do piano, seguiam dançando na ultraclaridade espelhada do salão ao lado, corpos brancos e ardentes aninhados em seda azul, vermelha, amarela. Pareceu-lhe que agora ninguém tinha qualquer interesse nele e na mulher a seu lado; estavam ambos inteiramente sozinhos na semi-escuridão do salão central.

“Esperança vã”, sussurrou ela. “Não existem aqui esses aposentos com que você sonha. Estamos no último minuto. Fuja!”

“Venha comigo.”

Ela balançou a cabeça com veemência, parecia aflita.

Fridolin tornou a rir, e não reconheceu a própria risada. “Você está me fazendo de bobo. Então estes homens e estas mulheres vieram aqui apenas para inflamarem-se uns aos outros e, depois, dizer não? Quem pode proibi-la de vir comigo, se você quiser?”

Ela respirou fundo e abaixou a cabeça.

“Ah, agora entendi”, disse ele. “É a punição que vocês determinaram para quem entra aqui sem ter sido convidado. Não poderiam ter pensado em outra mais terrível. Pois poupe-me dela. Indulte-me. Condene-me a alguma outra pena. Tudo, menos sair daqui sem você!”

“Você está louco. Não posso ir embora daqui com você... tampouco com qualquer outro. E quem quer que tentasse me seguir poria a perder a própria vida e a minha.”

Fridolin parecia inebriado, não apenas dela, de seu corpo perfumado, daquela boca vermelha e ardente; não apenas da atmosfera daquele salão, dos voluptuosos segredos que o circundavam ali — estava ao mesmo tempo embriagado e sedento em razão dos acontecimentos daquela noite, nenhum dos quais

tivera um fecho; embriagado e sedento de si próprio, de sua ousadia, da transformação que sentia no íntimo. E tocou com as mãos o véu ao redor da cabeça dela, como se pretendesse arrancá-lo.

Ela agarrou-lhe as mãos. “Uma noite, alguém teve a idéia de, enquanto dançava, puxar o véu de uma de nós. Arrancaram-lhe a máscara e o chicotearam para fora daqui.”

“E ela?”

“Talvez você tenha lido sobre uma bela jovem... foi há poucas semanas, uma moça que tomou veneno na véspera do casamento.”

Fridolin se lembrava, até mesmo do nome. Pronunciou-o. Não tinha sido uma moça provinda de uma casa principesca e que estava noiva de um príncipe italiano?

Ela aquiesceu.

De repente, um dos cavaleiros apareceu, o mais distinto de todos, o único a vestir um traje branco; com uma breve reverência, decerto gentil, mas autoritária ao mesmo tempo, convidou para dançar a mulher com quem Fridolin conversava. Teve a impressão de que ela hesitou por um instante. Logo, porém, o outro já a havia abraçado e, girando, foi-se com ela em direção aos demais pares do iluminado salão vizinho.

Fridolin viu-se sozinho, e esse súbito abandono atingiu-o como o gelo. Olhou em torno. Naquele momento, parecia que ninguém se importava com ele. Talvez estivesse diante de uma última oportunidade de afastar-se impune. E, no entanto, o que o mantinha cativo em seu canto, onde agora podia sentir-se invisível e inobservado — se a vergonha de uma retirada inglória e algo ridícula; o torturante desejo insatisfeito pelo corpo maravilhoso daquela mulher, cujo perfume pairava ainda ao seu redor; ou a ponderação de que tudo o que acontecera até aquele instante constituía, talvez, apenas uma provação para sua coragem, e de que a magnífica dama lhe caberia como prêmio —, isso ele próprio não sabia dizer. Em todo caso, estava claro que não suportaria aquela tensão por muito tempo, e que, correndo o perigo que fosse, precisava pôr um fim à situação. O que quer que decidisse, não era possível que fosse lhe custar a vida. Talvez

estivesse na companhia de loucos ou libertinos, mas certamente não estava entre patifes ou criminosos. E veio-lhe então a idéia de juntar-se aos demais, confessar-se um intruso e, como um cavaleiro, submeter-se ao juízo de todos. Somente desse modo, como se com um nobre acorde, a noite poderia terminar, se ela haveria de conter maior significado que o de uma seqüência indistinta e dissoluta de aventuras sombrias, melancólicas, burlescas e lascivas, nenhuma das quais vivida até o final. E, respirando aliviado, Fridolin preparava-se para fazê-lo.

Nesse momento, porém, ouviu um sussurro a seu lado: “Senha!”. Um cavaleiro negro aproximara-se de repente, e, como Fridolin não respondesse de imediato, refez seu pedido. “Dinamarca”, disse Fridolin.

“Perfeitamente, meu senhor: essa é a senha para a entrada. E a senha da casa, se o senhor me permite?”

Fridolin silenciou.

“O cavaleiro não quer ter a bondade de nos dizer a senha da casa?” A pergunta soou cortante feita uma faca.

Fridolin encolheu os ombros. Seu interlocutor encaminhou-se para o meio do recinto e ergueu a mão; o piano silenciou, a dança interrompeu-se. Dois outros cavaleiros aproximaram-se, um vestindo amarelo, o outro, vermelho. “A senha, meu senhor”, disseram em uníssono.

“Eu me esqueci”, respondeu Fridolin com um sorriso vazio, mas sentindo-se muito tranqüilo.

“Uma infelicidade”, disse o cavaleiro de amarelo, “pois o que interessa neste exato momento é saber se o senhor de fato esqueceu a senha ou se nunca a soube.”

Os demais mascarados acorreram todos, as portas de ambos os lados se fecharam. Em seu hábito de monge, Fridolin estava sozinho em meio aos coloridos cavaleiros.

“Tire a máscara!”, foram logo gritando alguns. Como se para proteger-se, Fridolin mantinha os braços estendidos à frente. Ser o único com o rosto descoberto em meio a tantos mascarados ter-lhe-ia parecido mil vezes pior do que se ver subitamente nu entre pessoas vestidas. Com voz firme, disse: “Se algum dos cavaleiros

sente-se ofendido em sua honra com minha presença, estou pronto a oferecer-lhe reparação da forma habitual. A máscara, contudo, somente a retiro se todos os senhores fizerem o mesmo, cavalheiros”.

“Não se trata de reparação”, disse o cavaleiro vestido de vermelho, até então silente. “Trata-se de expiação.”

“Tire a máscara!”, ordenou novamente um outro, com uma voz aguda e insolente que lembrou a Fridolin o tom de comando de um oficial. “O que o espera, queremos dizê-lo diretamente, e não a uma máscara.”

“Não vou despi-la”, respondeu Fridolin num tom ainda mais incisivo. “E ai de quem ousar tocar-me.”

De súbito, um braço tentou agarrar-lhe o rosto, como se visasse a arrancar-lhe a máscara, quando, então, uma das portas se abriu, e uma das mulheres — Fridolin não poderia alimentar qualquer dúvida sobre qual delas — surgiu em trajes de freira, tal e qual ele a vira pela primeira vez. Atrás dela, no salão superiluminado, podiam-se ver as outras, nuas e com o rosto coberto, coladas umas às outras, mudas, um bando espavorido. A porta, no entanto, fechou-se de novo.

“Soltem-no”, disse a freira. “Estou pronta a resgatá-lo.”

Um breve e profundo silêncio se fez, como se algo monstruoso houvesse acontecido; então, o cavaleiro negro, o primeiro a exigir a senha de Fridolin, voltou-se para a freira, dizendo: “Você bem sabe as conseqüências disso”.

“Sim, eu sei.”

Uma espécie de profundo suspiro atravessou o salão. “O senhor está livre”, disse o cavaleiro a Fridolin. “Saia desta casa sem demora, e Deus o livre de seguir investigando os segredos em cuja ante-sala o senhor se meteu. Se tentar pôr quem quer que seja em nosso encaicho, tenha sucesso ou não, estará perdido.”

Fridolin permaneceu imóvel. “Que tipo de resgate esta... senhora terá de pagar por mim?”, perguntou.

Não obteve resposta. Braços apontaram para a porta, indicando que ele deveria afastar-se sem demora.

Fridolin balançou a cabeça em negativa. “Senhores, façam comigo o que bem entenderem, mas não posso suportar que outro ser humano tenha de pagar por mim.”

“O senhor não estaria mudando coisa alguma no destino desta mulher”, disse o cavaleiro negro, agora num tom bastante suave. “Aqui, uma promessa jamais pode ser retirada.”

A freira assentiu lentamente com a cabeça, como em confirmação. “Vá!”, disse a Fridolin.

“Não”, retrucou ele, elevando o tom. “A vida não tem mais valor para mim, se tiver de partir sem você. De onde você vem, quem é... não quero saber. O que importa aos senhores, desconhecidos cavalheiros, se vão ou não levar até o fim esta comédia carnavalesca, ainda que ela se pretenda séria em seu desfecho? Sejam os senhores quem forem, decerto levam outra vida que não esta. Eu, porém, não estou representando comédia alguma, nem mesmo aqui, e, se me vi obrigado a fazê-lo até agora, para mim chega. Sinto que me embrenhei num destino que nada mais tem a ver com esta mascarada, e quero declarar aos senhores o meu nome, arrancar minha máscara, assumindo as conseqüências desse ato.”

“Deus o livre!”, exclamou a freira. “Estaria se arruinando, e não me salvaria! Vá embora!” E, dirigindo-se aos demais: “Aqui estou, vocês me têm... todos vocês!”.

O hábito escuro despreendeu-se como se por mágica, e ali estava ela, em todo o esplendor de seu corpo branco; tomou o véu que envolvia testa, cabeça e nuca e, com um maravilhoso movimento circular, desenrolou-o. O véu deslizou para o chão, cabelos negros mergulharam sobre os ombros, seios e as costas — mas, antes que Fridolin pudesse apreender a imagem daquele semblante, braços inelutáveis o haviam agarrado, arrastado e compelido até a porta; no instante seguinte, achava-se no vestíbulo, a porta às suas costas se fechou, um serviçal mascarado trouxe-lhe o casaco de pele, ajudou-o a vesti-lo, e a porta da frente se abriu. Como se o levasse uma força invisível, Fridolin seguiu apressado, estava na rua, a luz atrás de si apagou-se, ele olhou em torno e viu a casa erguendo-se silente, com as janelas fechadas, pelas quais não

passava um único raio de luz. Acima de tudo, tenho de guardar cada detalhe com exatidão, pensou. Preciso reencontrar esta casa; o restante acontecerá por si só.

A noite o envolvia; algo distante, lá onde o carro deveria estar aguardando por ele, brilhava opaca a luz avermelhada de um lampião. Das profundezas da rua surgiu o coche fúnebre, como se Fridolin o houvesse chamado. Um criado abriu a porta.

“Já tenho um coche”, disse Fridolin. O serviçal balançou a cabeça. “Se tiver partido, volto para a cidade a pé.”

O criado respondeu com um gesto de mão tão pouco servil que excluía qualquer negativa. A cartola do cocheiro erguia-se ridiculamente alta na noite. O vento soprava forte, nuvens violeta atravessavam o céu. Considerando-se o que se passara até aquele momento, Fridolin não tinha como acreditar que lhe restasse outra alternativa a não ser subir no coche, o qual, de resto, tendo-o como passageiro, não tardou em pôr-se em movimento.

Estava decidido a, tão logo quanto possível e assumindo todos os riscos, esclarecer por completo aquela aventura. Sua existência, assim lhe parecia, não tinha mais o menor sentido se ele não conseguisse reencontrar a incompreensível mulher que, naquele mesmo instante, estava pagando o preço por sua salvação. Que preço, não era nada difícil adivinhar. Mas que motivo tinha ela para sacrificar-se por ele? Sacrificar-se? Era ela, afinal, uma mulher para quem aquilo que a aguardava, aquilo que naquele momento era obrigada a suportar, significava um sacrifício? Se tomava parte numa reunião daquele gênero — e decerto não o fazia hoje pela primeira vez, pois mostrara conhecer bem as regras —, que importância podia ter para ela submeter-se à vontade de um daqueles cavaleiros ou de todos? Ora, era possível que fosse outra coisa que não uma prostituta? Podiam aquelas mulheres ser outra coisa? Eram prostitutas, sem dúvida. Mesmo que cada uma delas tivesse também uma outra vida, uma vida burguesa, por assim dizer, paralelamente àquela, que nada mais era do que uma vida de prostituta. E, ademais, será que tudo o que acabara de experimentar não havia sido talvez uma brincadeira infame que se permitiram fazer com ele? Uma brincadeira já prevista, preparada,

possivelmente ensaiada para o caso de imiscuir-se ali alguém que não tivesse sido chamado? E, no entanto, quando se punha a pensar naquela mulher que o advertira desde o princípio, que estava disposta a pagar por ele — em sua voz, em sua postura, na nobreza régia de seu corpo descoberto existia algo que não podia ser mentira. Ou teria quem sabe apenas o súbito aparecimento dele, Fridolin, operado o milagre de transformá-la? Depois de tudo o que vira naquela noite — e não havia nele consciência de qualquer gabolice neste seu pensamento —, não julgava sequer um milagre como esse impossível. Haveria talvez momentos, noites, pensou, em que um tal encanto, estranho e irresistível, partia de homens que, em circunstâncias normais, não tinham qualquer poder especial sobre o sexo oposto?

O carro seguia subindo sempre; estivesse tudo certo, já deveria ter entrado pela rua principal havia tempos. O que pretendiam fazer com ele? Aonde aquele carro o levava? Será que a comédia teria ainda prosseguimento? E de que tipo? Um esclarecimento, talvez? Um alegre reencontro em outro local? A recompensa pela provação suportada com louvor? A admissão na sociedade secreta? A posse imperturbada da freira magnífica? As janelas do coche estavam fechadas; Fridolin tentou olhar para fora, mas elas eram opacas. Quis abri-las, a da direita, a da esquerda, mas era impossível; igualmente opaco era o vidro que o separava do cocheiro, também este totalmente fechado. Fridolin bateu, chamou, gritou, e o carro seguia viagem. Quis abrir as portas, à direita e à esquerda, mas elas não cediam a pressão alguma; seu novo chamado dissipou-se no ranger das rodas e no zunir do vento. O carro começou a sacudir-se, o caminho descia agora cada vez mais rápido; inquieto, tomado pelo medo, Fridolin estava já em via de estilhaçar uma das janelas opacas quando, de repente, o coche se deteve. Ambas as portas abriram-se ao mesmo tempo, como se tivessem sido acionadas por algum mecanismo, e como se oferecessem ironicamente a Fridolin a escolha entre esquerda e direita. Ele saltou do coche, as portas se fecharam — e, sem que o cocheiro demonstrasse a menor preocupação com o passageiro, o carro partiu de novo noite adentro pelo descampado.

O céu achava-se encoberto, as nuvens apressavam-se, o vento assobiava; Fridolin deu consigo postado no meio da neve, que espalhava uma pálida claridade ao redor. Estava sozinho, o casaco de pele aberto sobre o hábito de monge, o chapéu de peregrino na cabeça, e não se sentia propriamente em segurança. Algo distante, via-se a larga estrada. Uma procissão de lampiões tremeluzindo sombrios indicava a direção da cidade. Fridolin, todavia, pôs-se a andar em linha reta, encurtando o caminho, seguindo o suave declive dos campos nevados, a fim de, tão rápido quanto possível, retornar à companhia das pessoas. Com os pés encharcados, alcançou uma ruazinha estreita e quase sem iluminação; de início, avançou ladeado por altos tapumes, que gemiam ao vento forte; dobrando a esquina seguinte, chegou a uma rua um pouco mais larga, alternando casas pequenas e modestas e canteiros de obras vazios. A torre de um relógio bateu três horas da madrugada. Vinha alguém em sua direção, trajando uma jaqueta curta, as mãos nos bolsos da calça, a cabeça encolhida entre os ombros, o chapéu enfiado na testa. Fridolin preparou-se como se fosse defender-se de um ataque, mas, inesperadamente, o vagabundo deu meia-volta e foi-se embora correndo. O que significa isso?, perguntou-se. Ocorreu-lhe, então, que ele próprio devia estar com um aspecto sinistro; tirou o chapéu de peregrino e abotoou o casaco sob o qual o hábito de monge estendia-se folgado até os tornozelos. De novo, dobrou uma esquina, entrando por uma rua importante de subúrbio; um homem vestido como camponês passou por ele e cumprimentou-o como se cumprimentam os padres. A luz de um poste iluminou a placa na casa de esquina: Liebhartstal — ou seja, não muito longe da casa que deixara não havia nem uma hora. Por um segundo, sentiu-se tentado a voltar para lá e a aguardar nos arredores pelo desenrolar dos acontecimentos. Contudo, desistiu de imediato, ponderando que estaria incorrendo em grave perigo, sem com isso se aproximar da solução do mistério. Imaginar o que poderia estar se passando naquela casa naquele exato instante dava-lhe raiva, desespero, vergonha e medo. Tão insuportável era aquele estado de espírito que Fridolin quase

lamentava não ter sido atacado pelo vagabundo que encontrara; sim, chegava quase a lamentar o fato de não jazer agora encostado a um tapume daquela ruazinha perdida com uma faca entre as costelas. Só assim aquela noite absurda, com suas aventuras pueris e inconclusas, teria afinal adquirido algum sentido. Voltar para casa da maneira como agora se dispunha a fazer parecia-lhe inteiramente ridículo. Nada, porém, estava perdido. Amanhã seria outro dia. Jurou não descansar enquanto não reencontrasse a bela mulher cuja ofuscante nudez o embriagara. E somente nesse momento pensou em Albertine — mas o fez como se, em primeiro lugar, tivesse de conquistar também a ela, como se ela não pudesse, não devesse ser de novo sua antes que ele a houvesse traído com todas as outras daquela noite: com a mulher nua, com a pierrete, com Marianne, com a prostituta da ruazinha estreita. E não deveria também esforçar-se por encontrar o estudante insolente que o empurrara, a fim de desafiá-lo para um duelo de sabres, ou, melhor ainda, de pistolas? O que lhe importava a vida de outra pessoa, o que lhe importava a sua própria? Tinha-se sempre de pôr a vida em jogo apenas por dever, por uma disposição para o sacrifício, e nunca por capricho, paixão ou apenas para medir-se com o destino?!

E, outra vez, ocorreu-lhe que possivelmente já trazia no corpo o germe de uma doença fatal. Não seria demasiado estúpido morrer porque uma criança diftérica tossira-lhe no rosto? Talvez ele já estivesse doente. Será que não tinha febre? Será que, na realidade, não estava deitado em sua cama... e tudo aquilo que acreditava ter vivido não fora mais que um delírio?!

Fridolin arregalou os olhos o mais que pôde, passou a mão pela testa e pelo rosto, procurou sentir o próprio pulso. Não estava acelerado. Tudo em ordem. Ele se achava completamente desperto.

Seguiu caminhando pela rua em direção à cidade. Um par de carroças do mercado vinha atrás dele, ultrapassaram-no ruidosas, volta e meia Fridolin avistava gente em trajes pobres, para quem o dia estava começando. Sentado atrás da janela de um café, a uma mesa sobre a qual tremulava a chama de um lampião de gás, dormia um homem gordo, um cachecol enrolado ao pescoço, a

cabeça apoiada nas mãos. As casas permaneciam ainda na escuridão, aqui e ali umas poucas janelas iluminadas. Fridolin acreditou sentir as pessoas acordando aos poucos, era como se as estivesse vendo espreguiçar-se em suas camas, preparando-se para o dia árduo e miserável. Também ele tinha um dia a enfrentar, mas não miserável e triste. E, acompanhada de estranhas palpitações, veio-lhe a alegre consciência de que, em poucas horas, estaria já circulando de avental branco por entre as camas de seus pacientes. Na esquina seguinte havia um coche de um só cavalo, parado, o cocheiro dormia na boléia; Fridolin acordou-o, disse-lhe o endereço e subiu.

ERAM QUATRO HORAS DA MANHÃ quando ele subiu as escadas rumo a sua casa. Encaminhou-se diretamente para o consultório, trancou com cuidado a fantasia num cofre e, como não desejasse acordar Albertine, despiu as roupas e tirou os sapatos antes de entrar no quarto de dormir. Cauteloso, acendeu a luz velada do criado-mudo. Albertine dormia tranqüila, os braços cruzados sob a nuca, os lábios entreabertos, circundados por dolorosas sombras; era um semblante que Fridolin não conhecia. Ele curvou-se sobre a testa, que, de imediato, enrugou-se como se houvesse sido tocada, os traços de Albertine contorceram-se de maneira singular; de súbito, ainda dormindo, ela irrompeu numa risada tão estridente que Fridolin se assustou. Involuntariamente, chamou-a pelo nome. Como em resposta, ela voltou a rir de um modo assaz estranho, quase sinistro. Ainda uma vez, e mais alto, Fridolin chamou-a. Então ela abriu os olhos, devagar, com muito esforço, abriu-os bem grandes a fitá-lo, como se não o reconhecesse.

“Albertine!”, disse ele pela terceira vez. Somente nesse momento ela pareceu se dar conta de que a chamavam. Uma expressão de defesa, de medo, e mesmo de pavor invadiu-lhe os olhos. Ela ergueu os braços, insensata, como se desesperada, a boca aberta.

“O que há com você?”, perguntou Fridolin com a respiração suspensa. E, como ela seguisse fitando-o com expressão apavorada, acrescentou tranqüilizador: “Sou eu, Albertine”. Ela respirou fundo, tentou um sorriso, deixou cair os braços na coberta da cama e, algo distante, perguntou: “Já é de manhã?”.

“Logo será”, respondeu Fridolin. “Já passa das quatro. Acabei de chegar em casa.” Ela ficou em silêncio. “O conselheiro morreu”, prosseguiu ele, “já estava morrendo quando cheguei... e, naturalmente, eu não pude... deixar os familiares de imediato.”

Ela aquiesceu, mas parecia mal tê-lo ouvido ou compreendido, era como se olhasse através dele para o vazio, e Fridolin teve a impressão — por mais absurda que a idéia se lhe tenha afigurado de pronto — de que ela talvez tivesse conhecimento do que ele experimentara naquela noite. Curvando-se sobre ela, tocou-lhe a testa. Um ligeiro tremor percorreu-a.

“O que há com você?”, perguntou de novo.

Ela apenas balançou a cabeça devagar. Fridolin acariciou-lhe os cabelos. “Albertine, o que está acontecendo com você?”

“Tive um sonho”, disse ela, distante.

“E sonhou com o quê?”, perguntou ele com brandura.

“Ah, tanta coisa... Não consigo me lembrar direito.”

“Será que não se lembra mesmo?”

“Foi tão confuso... estou cansada. E você também deve estar cansado, não?”

“Nem um pouco, Albertine. Não creio que consiga dormir. Você sabe, quando chego tão tarde em casa — na verdade, o mais razoável seria sentar-me de imediato à escrivaninha —, justamente de manhã cedo...” Fridolin interrompeu-se. “Mas você não prefere me contar logo o seu sonho?” Ele sorriu um sorriso algo forçado.

“Ainda acho que você devia se deitar um pouco”, respondeu ela.

Ele hesitou um instante; depois, fez como ela queria, deitando-se a seu lado. Cuidou, porém, para não tocá-la. Uma espada entre nós, pensou, lembrando-se de um comentário semijocosos que, em ocasião semelhante, fizera no passado. Ficaram ambos em silêncio, deitados de olhos abertos, sentindo a proximidade e a distância um do outro. Após algum tempo, ele apoiou a cabeça no braço e contemplou-a longamente, como se conseguisse enxergar mais do que os meros traços no semblante de Albertine.

“E o seu sonho?”, tornou a perguntar de repente, e era como se ela estivesse apenas esperando aquele convite. Albertine estendeu-lhe a mão, ele a acolheu e, por força do hábito, mais distraído do que carinhoso, entrelaçou seus dedos nos dedos esguios da esposa, como se brincasse com eles. Ela, por sua vez, principiou:

“Você se lembra do quarto na pequena *villa* no lago de Wörth, onde eu passei com meus pais aquele verão em que ficamos noivos?”

Fridolin assentiu.

“Pois meu sonho começou assim, eu entrando nesse quarto, vinda não sei de onde... como uma atriz entrando em cena. Só sabia que meus pais estavam viajando e haviam me deixado sozinha. Aquilo me causou admiração, pois nosso casamento era no dia seguinte. Mas o vestido de noiva ainda não chegara. Ou será que eu estava enganada? Abri o guarda-roupa a fim de verificar, e, em vez do vestido de noiva, toda uma coleção de outras roupas pendia dos cabides: fantasias, na verdade, como figurinos de ópera, trajes suntuosos, orientais. Qual devo vestir para o casamento?, pensei. Então, o guarda-roupa fechou-se repentinamente, ou sumiu, não sei mais. O quarto estava bastante claro, mas, lá fora, diante da janela, era noite escura... E, de súbito, ali estava você, escravos remando uma galera o haviam trazido, ainda podia vê-los desaparecendo na noite. Você estava vestido com muito luxo, em ouro e seda, tinha um punhal com pingentes de prata de um dos lados e me levantou e puxou para fora pela janela. Também eu vestia agora trajes magníficos, como uma princesa, estávamos ambos ao ar livre sob uma luz crepuscular, e uma névoa fina e cinza nos envolvia até os tornozelos. Era o mesmo lugar bem conhecido: lá estava o lago, a paisagem montanhosa à nossa frente, podia ver as casas de campo também, que pareciam saídas de uma caixa de brinquedos. Nós dois, porém, você e eu, pairávamos, não, voávamos por sobre a névoa, e eu pensei comigo: então esta é nossa viagem de núpcias. Mas logo não voávamos mais, seguíamos por um caminho na floresta, aquele que leva até Elisabethhöhe, e de repente nos vimos bem no alto da montanha, numa espécie de clareira cercada de três lados por floresta, enquanto, às nossas costas, uma íngreme parede rochosa erguia-se nas alturas. Sobre nossa cabeça, um céu estrelado, de um azul e de uma amplitude inexistentes na

realidade, e esse céu era o teto de nosso quarto nupcial. Você me tomou nos braços e me amou muito.”

“E você a mim, espero”, comentou Fridolin, com um invisível sorriso maldoso nos lábios.

“Creio que ainda mais”, Albertine retrucou com seriedade. “Mas, como posso explicar... apesar desse nosso mais íntimo abraço, havia muita melancolia em nossa ternura, como se pressentíssemos um sofrimento já determinado. De repente, amanheceu. A relva mostrava-se iluminada e colorida, a floresta ao redor, deliciosamente orvalhada, e, no alto da parede rochosa, tremulavam raios de sol. Nós dois tínhamos então de voltar ao mundo, ao convívio das pessoas, estava mais do que na hora. Mas algo terrível acontecera: nossas roupas tinham sumido. Um pavor sem igual tomou conta de mim, uma pungente vergonha que chegava a aniquilar-me em meu íntimo, e, ao mesmo tempo, sentia raiva de você, como se você fosse o único culpado daquela desgraça; e a violência de tudo isso — pavor, vergonha, raiva — não se comparava a nada que, desperta, eu já tenha alguma vez sentido. Você, porém, consciente de sua culpa, precipitou-se lá para baixo, nu como estava, a fim de arranjar-nos algumas roupas. E, assim que você desapareceu, eu me senti bastante aliviada. Não sentia pena de você, nem estava preocupada: contente por estar sozinha, corria feliz pelos campos e cantava. Cantava a melodia de uma dança que ouvimos no baile de máscaras. Minha voz soava belíssima, e eu desejei que me ouvissem lá embaixo, na cidade. Essa cidade eu não via, mas *sabia* dela. Ficava muito abaixo de onde eu me achava, e era circundada por altas muralhas; uma cidade fantástica, sou incapaz de descrevê-la. Não era oriental, tampouco propriamente uma cidade alemã antiga, mas, ora uma coisa, ora outra, e, de qualquer forma, uma cidade esquecida fazia muito tempo, e para sempre. Eu, porém, logo estava deitada na grama, sob o brilho do sol... muito mais bonita do que jamais fui de verdade, e, enquanto me encontrava deitada ali, um cavalheiro saiu da floresta, um jovem homem vestindo um terno claro e moderno, parecia-se um pouco — sei agora — com o

dinamarquês sobre o qual contei ontem a você. Seguiu seu caminho, cumprimentou-me bastante gentil ao passar por mim, mas não me deu maior atenção, foi direto rumo à parede rochosa, contemplando-a cuidadosamente, como se refletisse sobre como vencê-la. Ao mesmo tempo, eu via você também. Na cidade esquecida, você corria de casa em casa, de loja em loja, ora debaixo de arcadas, ora por uma espécie de bazar turco, comprando para mim as coisas mais belas que conseguia encontrar: vestidos, roupa de baixo, sapatos, jóias; e tudo isso você ia enfiando numa pequena valise amarela de couro onde cabia tudo. O tempo todo, contudo, você era perseguido por uma multidão que eu não via, apenas ouvia a gritaria abafada e ameaçadora. Então, o outro reapareceu, o dinamarquês que havia se postado diante da parede rochosa. De novo, ele veio da floresta em minha direção... e eu sabia que, naquele meio-tempo, ele vagara pelo mundo todo. Seu aspecto era agora diferente do de antes, mas era ele mesmo. Como da primeira vez, permaneceu defronte à parede rochosa, desapareceu de novo, tornou a surgir da floresta, desapareceu, voltou; isso se repetiu duzentas, trezentas vezes. Era sempre ele, e sempre um outro, cumprimentando-me a cada vez que passava por mim, até que afinal se deteve na minha frente, contemplou-me, examinou-me, e eu ri sedutora, como jamais ri na vida; ele estendeu os braços para mim, e agora eu queria fugir, mas não consegui... ele se deitou na grama comigo.”

Albertine calou-se. Fridolin tinha a garganta seca; no escuro do quarto, notou como ela cobria o rosto com as mãos, escondendo-o, por assim dizer.

“Um sonho curioso”, disse ele. “Já acabou?” E, como ela negasse, emendou: “Então continue”.

“Não é tão fácil”, recomeçou Albertine. “Na verdade, essas coisas mal se deixam exprimir em palavras. Enfim... era como se eu estivesse vivendo dias e noites inumeráveis, não existia tempo ou espaço, e eu não estava mais na clareira cercada de floresta e rocha, e sim numa ampla planície colorida por flores, estendendo-se infinitamente até perder-se no horizonte. Ademais, fazia tempo — estranho esse ‘fazia tempo’ — que eu já não me encontrava

sozinha com aquele homem na grama. Mas se, além de mim, havia ali ainda três ou dez ou mil casais, se eu os via ou não, se pertencia apenas a um ou a vários, não saberia dizer. Assim como, porém, aquele sentimento anterior de pavor e vergonha superava em muito tudo quanto se possa imaginar acordado, também o relaxamento, a liberdade e a felicidade que senti nesse sonho decerto não têm paralelo em nossa existência consciente. E, nele, não esqueci você por um só minuto. Sim, pois eu o via, vi você ser agarrado por soldados, creio, e havia padres também; alguém, um homem gigantesco, amarrou suas mãos, e eu sabia que você acabaria sendo executado. Sabia e não sentia compaixão ou temor, sabia-o de uma forma inteiramente distanciada. Você foi levado para um pátio, como se fosse o pátio de um castelo. E lá estava agora, nu, as mãos atadas às costas. E, assim como eu o via, embora estivesse em outro lugar, você me via, e ao homem que me tinha nos braços, e a todos os outros casais, aquela torrente infindável de nudez a circundar-me, e da qual eu e o homem a me abraçar constituíamos apenas uma onda, por assim dizer. Enquanto você se achava ali, de pé no pátio, uma jovem mulher apareceu no arco de uma janela lá no alto, entre cortinas vermelhas, um diadema na cabeça, vestindo um manto purpúreo. Era a princesa do lugar. Voltou os olhos para baixo, para você, com um olhar severo e inquiridor. Você estava sozinho; os outros, e eram muitos, mantinham-se afastados, encostados nas muralhas; ouvi um murmúrio, um cochichar traiçoeiro e ameaçador. Então, a princesa debruçou-se no parapeito da janela. Houve silêncio, ela fez um sinal, como se ordenasse a você que subisse até ela, e eu sabia que ela estava decidida a perdoá-lo. Contudo, você não se deu conta do olhar dela, ou não quis percebê-lo. De repente, ainda e sempre com as mãos atadas, mas envolto agora num manto preto, você estava diante dela; não em um aposento qualquer, mas ao ar livre, como se estivesse flutuando. A princesa tinha um pergaminho nas mãos, sua sentença de morte, no qual estavam registradas também sua culpa e as razões da sua condenação. Perguntou — não ouvi as palavras, mas sabia assim mesmo — se você se dispunha a se tornar seu amante, caso em

que a pena de morte seria revogada. Com a cabeça, você disse não. Não me espantei, pois era perfeitamente natural, e nem podia ser de outra maneira, que você, correndo todos os riscos, se mantivesse fiel a mim por toda a eternidade. A princesa encolheu os ombros, acenou para o vazio, e, num instante, você estava num porão embaixo da terra, chicotes zunindo em direção a seu corpo, sem que eu pudesse ver as pessoas que os brandiam. Riachos de sangue escorriam por seu corpo, eu podia vê-los, tinha consciência de minha crueldade, mas ela não me surpreendia. Então, a princesa aproximou-se de você. Os cabelos dela estavam soltos, desciam pelos ombros nus; com as duas mãos, ela estendeu o diadema para você... e eu sabia que ela era a menina da praia dinamarquesa, aquela que você tinha visto nua certa manhã, no terraço de uma cabine de banho. Ela não disse palavra, mas o sentido de sua presença ali, de seu silêncio, era saber se você desejava tornar-se seu marido e, portanto, o príncipe do lugar. Como você negasse outra vez, ela desapareceu de repente, e eu logo pude ver uma cruz sendo erguida para você... não, não no pátio do castelo, mas na infinda pradaria coberta de flores em que eu repousava nos braços de um amante, em meio a todos os outros casais. Vi você fugir sozinho por ruas antiqüíssimas, sem ninguém a vigiá-lo, mas eu sabia que seu caminho já fora traçado, que a fuga era impossível. Você subia pela trilha na floresta, montanha acima. Eu o esperava ansiosa, sem qualquer compaixão, porém. Seu corpo se cobrira de vergões, mas eles já não sangravam. Você subia cada vez mais, a trilha fez-se mais larga, a floresta ia ficando para trás, à esquerda e à direita, e agora lá estava você à beira da pradaria, a uma distância gigantesca, inimaginável. E, no entanto, você me cumprimentou com os olhos sorridentes, como se sinalizasse que havia satisfeito o meu desejo e me trazido tudo de que eu precisava: vestidos, sapatos e jóias. Eu, porém, achei seu comportamento tolo e insensato, sentia vontade de zombar de você, de rir na sua cara... e justamente pelo fato de, por fidelidade a mim, ter recusado a mão de uma princesa, suportado torturas e, agora, cambaleado até ali, rumo a uma morte terrível. Corri em sua direção, também você pôs-se a

caminhar cada vez mais rápido... comecei a flutuar, e você também flutuava no ar; mas, de repente, havíamos nos perdido, e eu soube que tínhamos voado ao largo um do outro. Desejei, então, que você ao menos ouvisse minha risada enquanto o pregavam na cruz. E gargalhei tão agudo e tão alto quanto pude. E foi rindo assim que acordei.”

Albertine calou-se, não movia um músculo sequer. Fridolin tampouco se movia, e não disse palavra. Naquele momento, teriam soado insípidos, mentirosos e covardes. À medida que ela fora avançando em sua narrativa, as experiências de Fridolin, até onde haviam ido àquela altura, foram parecendo a ele cada vez mais ridículas e insignificantes, por isso jurou para si próprio vivê-las até o fim e relatá-las, então, fielmente a Albertine, a fim de vingar-se daquela mulher que, em sonho, revelara-se como de fato era — infiel, cruel e traiçoeira —, uma mulher que Fridolin, naquele instante, acreditava odiar com mais profundidade do que jamais lograra amá-la.

Notou, então, que suas mãos envolviam ainda os dedos dela e que, por mais que estivesse disposto a odiar aquela mulher, sentia por aqueles dedos esbeltos, frios e tão familiares uma ternura que não se modificara: somente se fizera mais dolorosa. E, antes de soltar das suas aquela mão tão conhecida, Fridolin, sem querer, e mesmo contra a própria vontade, tocou-a docemente com os lábios.

Albertine permanecia ainda e sempre de olhos fechados, e ele acreditou ver-lhe a boca, a testa, todo o semblante sorrir com uma expressão radiante de felicidade e inocência, o que o levou a sentir um incompreensível ímpeto de curvar-se sobre ela e dar-lhe um beijo na testa pálida. Conteve-se, porém, ciente de que era apenas a compreensível exaustão, após os acontecimentos perturbadores da última hora, que ali, na atmosfera ilusória do quarto nupcial, havia se transformado em nostálgica ternura.

Não obstante, como quer que se sentisse — e quaisquer que fossem as decisões que tomaria nas horas seguintes —, o que se lhe impunha naquele instante com premência era, ao menos por algum tempo, refugiar-se no sono e no esquecimento. Dormira até

mesmo na noite que se seguira à morte da mãe, dormira profundo e imperturbado por sonhos — por que não lograria fazê-lo também naquela noite? Deitou-se ao lado de Albertine, que parecia já haver adormecido. Uma espada entre nós, pensou outra vez: como inimigos mortais, aqui jazemos nós, um ao lado do outro. Mas eram apenas palavras.

AO BATER DE LEVE NA PORTA, a criada acordou-o às sete horas da manhã. Ele lançou um rápido olhar para Albertine. Não era sempre, mas, às vezes, aquele bater de leve a acordava também. Hoje, porém, seguia dormindo imóvel, demasiado imóvel. Fridolin aprontou-se com rapidez. Antes de sair, quis ver a filhinha. Deitada tranqüila em sua cama branca, ela dormia com as mãos fechadas em pequenos punhos, como fazem as crianças. Fridolin beijou-lhe a testa. E, mais uma vez, deslizou na ponta dos pés para a porta do quarto onde Albertine repousava ainda, imóvel como antes. Então, saiu. Na maleta preta de médico, bem guardados, levava consigo o hábito de monge e o chapéu de peregrino. Os compromissos para o dia, ele os definira com cuidado e até com exagerada minúcia. Em primeiro lugar, uma visita nas proximidades a um jovem advogado gravemente enfermo. Fridolin procedeu a um exame cuidadoso, constatou alguma melhora, expressou com sincera alegria sua satisfação e após o habitual *repetatur* à velha receita. Em seguida, encaminhou-se sem demora para a casa em cujo porão Nachtigall tocara piano na noite anterior. O local ainda estava fechado, mas em cima, no café, a caixa soube informar que Nachtigall morava num pequeno hotel em Leopoldstadt. Quinze minutos mais tarde, Fridolin passava por lá. Era uma pousada miserável. O corredor cheirava a camas mal arejadas, banha barata e chicória fazendo as vezes de café. Um porteiro de péssimo aspecto, os olhos espertos exibindo contornos vermelhos, sempre preparado para um interrogatório policial, respondeu com solicitude ao pedido de informação. O sr. Nachtigall passara por ali às cinco horas da manhã na companhia de dois senhores cujo rosto, talvez de propósito, mal se podia ver, pois usavam cachecóis enrolados até bem acima do pescoço. Enquanto Nachtigall havia subido até o quarto, os cavalheiros lhe pagaram a conta das últimas quatro semanas; como, depois de

meia hora, não tivesse ainda reaparecido, um dos senhores fora pessoalmente buscá-lo, ao que, então, os três rumaram para o Norte, a caminho da estação. Nachtigall causara uma impressão de grande nervosismo; sim — por que não havia de contar toda a verdade a um cavalheiro que inspirava tanta confiança? —, tinha tentado passar uma carta ao porteiro às escondidas, o que ambos os senhores, de pronto, impediram. Cartas endereçadas ao sr. Nachtigall — explicaram os dois homens — passariam a ser recolhidas por uma pessoa autorizada a fazê-lo. Fridolin despediu-se; agradava-lhe estar carregando sua maleta de médico ao sair pela porta do edifício; assim, não o tomariam por um morador daquele hotel, mas por alguém no cumprimento de uma missão. No momento, portanto, nada podia fazer quanto a Nachtigall. Haviam sido bastante cuidadosos, e tinham todos os motivos para tanto.

Rumou então para a loja de fantasias. O próprio sr. Gibiser foi quem lhe abriu a porta. “Vim devolver a fantasia”, disse Fridolin, “e gostaria de pagar o que devo.” O sr. Gibiser informou-lhe a moderada quantia, recebeu o dinheiro, registrou o crédito num grande livro-caixa e, de sua escrivaninha, ergueu os olhos algo espantados em direção a Fridolin, que não fazia menção de partir.

“Estou aqui também”, prosseguiu Fridolin, no tom de um juiz de instrução, “para trocar algumas palavras com o senhor a respeito de sua filha.”

Alguma coisa fez estremecer as narinas do sr. Gibiser. Se desconforto, desprezo ou irritação, não se podia dizer ao certo.

“O que o cavalheiro quer dizer com isso?”, perguntou num tom igualmente indefinível.

“O senhor notou ontem”, continuou Fridolin, os dedos esticados de uma das mãos apoiados sobre a escrivaninha, “que sua filha não tem uma mente de todo normal. De fato, a situação em que a encontramos evidencia essa suposição. Tendo, pois, o acaso me transformado em participante ou pelo menos espectador daquela cena peculiar, eu sugiro ao senhor, sr. Gibiser, que procure a orientação de um médico.”

Girando entre os dedos uma pena de comprimento incomum, o sr. Gibiser pôs-se a medir Fridolin com um olhar insolente.

“E o doutor seria talvez, ele próprio, bondoso a ponto de assumir o tratamento?”

“Peço ao senhor que não ponha palavras em minha boca”, respondeu Fridolin com rispidez, mas algo rouco, “palavras que eu não disse.”

Nesse instante, a porta que dava para o interior da casa se abriu, e por ela entrou um jovem de casaco aberto sobre o fraque. Fridolin soube de imediato que só podia ser um dos senescais da noite anterior. Não havia dúvida: ele vinha do quarto da pierrete. Pareceu envergonhado ao divisar Fridolin, mas recompôs-se de pronto, cumprimentou rapidamente o sr. Gibiser com um aceno, acendeu ainda um cigarro, servindo-se de um isqueiro que se encontrava na escrivaninha, e deixou a casa.

“Compreendo...”, observou Fridolin, retorcendo com desdém os cantos da boca e sentindo um gosto amargo na língua.

“E o que o cavalheiro quer dizer com isso?”, perguntou o sr. Gibiser absolutamente impassível.

“Quer dizer, então, sr. Gibiser, que o senhor se absteve...”, Fridolin deixou que seu olhar altivo vagasse da porta de entrada para a outra porta, da qual o senescal surgira, “... se absteve de informar a polícia.”

“Encontramos outro caminho, doutor”, observou o sr. Gibiser com frieza, e levantou-se, como se a audiência houvesse chegado ao fim. Fridolin voltou-se para partir, o sr. Gibiser abriu solícito a porta e, com o semblante inalterado, emendou: “Se o senhor por acaso voltar a precisar de alguma coisa... Não precisa ser um hábito de monge...”.

Fridolin saiu batendo a porta. O assunto estava encerrado, pensou ele com uma irritação que lhe pareceu desmesurada. Desceu correndo os degraus e rumou sem pressa para a policlínica, de onde telefonou para casa, a fim de se informar se algum paciente o tinha procurado, se chegara alguma carta ou se havia alguma novidade. Mal a governanta terminara de responder a essas perguntas, Albertine pegou o telefone e saudou o marido.

Repetiu tudo o que a governanta dissera e, depois, contou com naturalidade que acabara de se levantar e que estava indo tomar o café-da-manhã com a filha. “Dê-lhe um beijo por mim”, disse ele, “e bom apetite.”

A voz dela lhe fizera bem; por isso mesmo, desligou logo. Na verdade, queria perguntar ainda o que a esposa iria fazer naquela manhã, mas aquilo não lhe dizia respeito. No fundo de sua alma, julgava que estava tudo terminado entre eles, independentemente de como prosseguiria a vida de ambos na aparência. A enfermeira loira ajudou-o a desvencilhar-se da manga do casaco e estendeu-lhe o avental branco. Sorria de leve ao fazê-lo, como, de resto, costumava sorrir para todos, dessem-lhe atenção ou não.

Poucos minutos depois, Fridolin estava na enfermaria. O chefe dos médicos mandara avisar que, em virtude de uma reunião, precisara viajar de repente e que, portanto, os assistentes fizessem as visitas sem ele. Fridolin sentiu-se quase feliz enquanto, acompanhado dos estudantes, ia de um leito a outro procedendo aos exames, prescrevendo medicamentos, consultando auxiliares e enfermeiras. Muitas eram as novidades. O aprendiz de serralheiro, Karl Rödel, havia morrido durante a noite. Autópsia às quatro e meia da tarde. Na enfermaria feminina, vagara um leito, mas já fora preenchido. Tinham precisado transferir a mulher do leito de número 17 para o centro cirúrgico. Entre uma coisa e outra, questões administrativas vinham também à baila. A nova nomeação para o Departamento de Oftalmologia seria decidida dali a dois dias; Hügelmann, agora catedrático em Marburg, mas, quatro anos antes, segundo assistente de Stellwag, era quem tinha as maiores chances. Carreira rápida, pensou Fridolin. Nunca vão pensar em mim para a chefia de algum departamento, até porque me falta a experiência como docente. Tarde demais. Mas por quê, afinal? Bastava retornar à pesquisa científica, retomar com maior seriedade o que interrompera. A clínica particular deixava tempo de sobra.

Pediu ao dr. Fuchstaler que se encarregasse do ambulatório, e foi obrigado a reconhecer que teria preferido ficar ali a ir para Galitzinberg. E, no entanto, não havia outro jeito. Seguir

investigando a questão não era coisa que devesse apenas a si próprio; e, hoje, tinha ainda muita coisa a fazer. Assim sendo, e por via das dúvidas, decidiu confiar ao dr. Fuchstaler também as visitas da tarde. A jovem com suspeita de tuberculose, a do último leito, lá atrás, sorriu para ele. Era a mesma que, por ocasião de um exame recente, havia pressionado com tanta intimidade os seios contra seu rosto. Fridolin devolveu-lhe um olhar inclemente e deu-lhe as costas, enrugando a testa. São todas iguais, pensou com amargura, e Albertine é igual a todas as outras — é a pior de todas. Vou me separar dela. As coisas jamais voltarão a ser como eram.

Na escada, trocou ainda algumas palavras com um colega do centro cirúrgico. E como estava a mulher que havia sido transferida para lá durante a noite? Ele, na realidade, não acreditava muito na necessidade de cirurgia. Decerto, seria informado do resultado do exame histológico?

“Mas é claro, doutor.”

Na esquina, tomou um carro. Consultou um bloco de anotações, uma comédia ridícula diante do cocheiro, como se somente agora fosse decidir para onde iria. “Ottakring”, disse então, “vou para Galitzinberg. Eu lhe digo onde parar.”

No carro, acometeu-o de novo uma súbita e dolorosa nostalgia, quase um sentimento de culpa por, nas últimas horas, praticamente não ter pensado em sua bela salvadora. Conseguiria encontrar a casa? Bem, não haveria de ser muito difícil. A questão era apenas: o que fazer depois? Denunciar à polícia? Isso poderia acarretar péssimas conseqüências justamente para a mulher que talvez tivesse se sacrificado por ele, ou que estivera pronta a fazê-lo. Ou deveria procurar um detetive particular? A idéia pareceu-lhe de extremo mau gosto, indigna dele. Mas o que mais podia fazer? Afinal, provavelmente não tinha tempo nem talento para conduzir ele mesmo, e com propriedade, as necessárias investigações. Uma sociedade secreta? Bem, secreta, com certeza. Aquelas pessoas decerto se conheciam. Aristocratas, ou mesmo gente da corte, talvez? Pensou em certos arquidukes de quem se podiam bem esperar brincadeiras semelhantes. E as damas? Quem

sabe... recrutadas de bordéis. Disso não tinha certeza. De todo modo, mercadoria selecionada. Mas e a mulher que se sacrificara por ele? Sacrificara? Por que insistia sempre em imaginar que havia de fato se tratado de um sacrifício? Uma comédia. Claro que tudo fora uma comédia. Na verdade, devia estar contente por ter se safado sem maiores danos. Sim, mantivera a compostura. Os cavaleiros não de ter notado que ele não era qualquer um. E também ela pudera perceber. Era possível que o preferisse a todos aqueles arquidukes, ou fossem lá o que fossem.

Ao fim do Liebhartstal, onde a subida se fazia mais íngreme, Fridolin desceu do carro e, por precaução, dispensou-o. O céu exibia um azul pálido e pequenas nuvens brancas, e o sol parecia irradiar um calor primaveril. Olhou para trás — nada se via de suspeito. Nem carros nem pedestres. Pôs-se a subir devagar. O casaco pesava; Fridolin despiu-o, lançando-o por sobre os ombros. Chegou ao ponto em que, à direita, deveria encontrar a rua lateral onde ficava a misteriosa casa; não havia como errar; a rua descia, mas não tão inclinada quanto ele julgara do carro. Uma ruazinha tranqüila. Num jardimzinho, erguiam-se roseiras cuidadosamente envoltas em palha; em outro, um carrinho de bebê; um menino, todo vestido em lã azul, brincava de um lado para o outro; da janela da casa, uma jovem mulher o observava rindo. Em seguida, um terreno baldio; depois, um jardim cercado e mais agreste, uma pequena *villa*, um relvado e, enfim, não havia dúvida: ali estava a casa que ele procurava. Não parecia grande ou luxuosa: era uma *villa* de um único pavimento, construída num modesto estilo império e claramente reformada não fazia muito tempo. As persianas verdes se achavam todas abaixadas, nada indicava que alguém pudesse morar ali. Fridolin olhou em torno. Não se via ninguém na rua; apenas, mais para baixo, dois garotos afastavam-se com livros debaixo do braço. Estava diante do portão do jardim. E agora? Caminhar de volta? Ter-lhe-ia parecido francamente ridículo. Procurou pela campainha elétrica. E se lhe abrissem a porta, o que haveria de dizer? Ora, era simples: perguntaria se alugavam a bela casa para o verão. Como se o

fizesse por si própria, porém, a porta da casa já se abria; por ela saiu um velho criado em uma simples libré matinal, caminhando com vagar pela estreita trilha até o portão do jardim. Tinha na mão uma carta e, calado, estendeu-a por entre as grades do portão a Fridolin, cujo coração batia forte.

“Para mim?”, perguntou, hesitante. O criado aquiesceu, voltou-se e se foi, a porta fechando-se novamente à sua passagem. O que significa isso?, Fridolin perguntou-se. Uma carta dela, afinal? Talvez seja *ela* própria a dona da casa... A passos rápidos, tornou a subir a rua e somente então notou que o envelope trazia o nome dele, numa letra vertical e altiva. Na esquina, abriu a carta, desdobrou a folha e leu: “Desista de suas investigações, inteiramente inúteis, e considere estas palavras um segundo aviso. Esperamos, para o seu bem, que nenhum outro venha a ser necessário”. E Fridolin baixou a folha de papel.

A mensagem o decepcionou em todos os aspectos; de qualquer modo, era bem diferente daquela que, como um tolo, julgara possível. Fosse como fosse, o tom era curiosamente contido, desprovido de toda mordacidade. Dava a perceber que as pessoas que a tinham enviado não se sentiam nem um pouco seguras.

Segundo aviso? Como assim? Ah, era verdade: recebera o primeiro na mesma noite. Mas por que *segundo* — e não último? De novo, estavam querendo pôr à prova sua coragem? Devia passar num teste? E como é que sabiam seu nome? Bem, isso não era tão estranho; era provável que tivessem obrigado Nachtigall a denunciá-lo. E, além disso — sorriu involuntariamente da própria distração —, costurados no forro de seu casaco de pele, havia um monograma e seu endereço completo.

Embora não tivesse avançado no que sabia, a carta o tranqüilizara, sem que ele soubesse dizer ao certo por quê. Em particular, estava agora convencido de que a mulher por cujo destino temera ainda vivia, e que dependia somente dele encontrá-la, contanto que procedesse com cautela e astúcia.

Ao chegar em casa — algo cansado, mas com uma estranha sensação de libertação que, ao mesmo tempo, intuía ser enganosa

—, Albertine e a filha já haviam terminado de almoçar. Ainda assim fizeram-lhe companhia enquanto ele comia. Sentada diante dele, ali estava aquela que, com tranqüilidade, deixara que o crucificassem na noite anterior; estava ali com seu olhar angelical, o aspecto doméstico e maternal, e, para seu espanto, Fridolin não tinha raiva dela. Apreciou a comida, sentia-se um tanto agitado, mas, na verdade, de bom humor, e, como era de seu feitio, falava bastante animado dos pequenos acontecimentos do dia de trabalho, sobretudo das questões administrativas do hospital, sobre as quais sempre costumava informar Albertine com exatidão. Contou que a nomeação de Hügelmann era coisa certa e falou de sua intenção de retomar com maior energia o trabalho científico. Albertine conhecia aquele humor, sabia que não costumava durar muito, e um leve sorriso denunciou-lhe as dúvidas. Fridolin exaltou-se, ao que Albertine passou-lhe suavemente a mão pelos cabelos, acalmando-o. Sentindo um ligeiro tremor, ele se voltou para a filha, afastando a testa de novo e embaraçoso contato. Pegou a menina no colo e preparava-se para balançá-la nos joelhos, quando a criada anunciou que alguns pacientes já o aguardavam. Fridolin levantou-se como se se libertasse, comentou ainda de passagem que Albertine e a filhinha deviam aproveitar a bela tarde de sol para passear, e dirigiu-se a seu consultório.

No decorrer das duas horas seguintes, tinha seis pacientes antigos e dois novos para atender. Atendeu a cada um deles com absoluta concentração: tomou notas, fez as prescrições — e alegrou-se por, após duas noites quase sem dormir, se sentir tão desperto e bem-disposto.

Terminadas as consultas, e como era de seu costume, foi de novo ver a mulher e a filha, constatando, não sem alguma satisfação, que Albertine recebia a visita da mãe, enquanto a filha aprendia francês com a governanta. Somente ao subir a escada veio-lhe de novo à mente que toda aquela ordem, toda aquela harmonia e segurança em sua vida não significavam senão aparência e mentira.

Embora tivesse desmarcado as visitas da tarde, sentia uma vontade irresistível de retornar ao hospital. Havia lá dois casos

particularmente interessantes para o trabalho científico que planejava desenvolver, e, com maior atenção do que a que lhes dedicara até aquele momento, Fridolin ocupou-se deles durante algum tempo. Em seguida, tinha ainda uma visita a fazer na cidade, de modo que eram já sete horas da noite quando chegou ao velho edifício da Schreyvogelgasse. Apenas então, ao olhar para a janela de Marianne, ele percebeu a imagem dela, que entrementes desvanecera-se por completo, tornando-se de novo mais vívida do que qualquer outra. Bem — ali, não havia como falhar. Sem maiores esforços, podia dar início a sua vingança; ali, não estava exposto a qualquer dificuldade ou perigo; e aquilo que talvez viesse a intimidar outros, a traição perpetrada contra o noivo, oferecia a Fridolin quase um estímulo a mais. Sim, trair, enganar, mentir, representar uma comédia em toda parte, diante de Marianne, de Albertine, do bom dr. Roediger, diante do mundo inteiro; levar uma espécie de vida dupla, ser ao mesmo tempo o médico trabalhador, confiável e promissor, o bom marido e pai de família, e, por outro lado, um devasso, um sedutor, um cínico a brincar com as pessoas, homens e mulheres, a seu bel-prazer — naquele momento, aquilo lhe parecia algo formidável, e o mais formidável era que, mais tarde, quando Albertine já estivesse se julgando protegida pela segurança do casamento e da vida em família, ele confessaria a ela todos os seus pecados com sorridente frieza, retribuindo assim a amargura e a vergonha que ela lhe impusera em sonho.

No corredor de entrada do edifício, Fridolin viu-se diante do dr. Roediger, que, inofensiva e cordialmente, estendia-lhe a mão.

“Como tem passado a srta. Marianne?”, perguntou Fridolin. “Está mais calma?”

O dr. Roediger encolheu os ombros. “Estava preparada para o fim fazia muito tempo, doutor. Somente hoje, quando vieram buscar o corpo, por volta do meio-dia...”

“Ah, já vieram, então?”

O dr. Roediger assentiu. “O enterro é amanhã, às três da tarde...”

Fridolin lançou um olhar adiante. “Decerto... os parentes estão com a senhorita?”

“Não mais”, respondeu o dr. Roediger. “Ela está sozinha agora. Com certeza vai ficar feliz em vê-lo ainda uma vez, doutor. É que amanhã vamos levá-la para Mödling, minha mãe e eu.” E, a um gentil olhar inquiridor de Fridolin: “Meus pais têm uma casinha lá. Até logo, doutor. Tenho ainda muito o que fazer. Que trabalhadeira dá um... acontecimento assim! Espero ainda encontrá-lo lá em cima quando voltar, doutor”. E já se ia porta afora, rumo à rua.

Fridolin hesitou por um instante; depois, pôs-se a subir a escada com vagar. Tocou a campainha, e a própria Marianne abriu a porta. Estava vestida de preto e, em torno do pescoço, trazia um colar de azeviche que Fridolin jamais a vira usar. O semblante dela corou ligeiramente.

“Quanto tempo o senhor me faz esperar”, disse ela com um débil sorriso.

“Perdoe-me, senhorita. Tive um dia bastante cansativo hoje.”

Fridolin seguiu-a através do cômodo onde estivera o morto e onde, agora, a cama estava vazia; encaminharam-se para a sala ao lado, na qual, no dia anterior, ele escrevera o atestado de óbito do conselheiro, sob o quadro exibindo o oficial de uniforme branco. Uma pequena lamparina ardia já sobre a escrivaninha, o cômodo estava na penumbra. Marianne indicou-lhe que sentasse no divã de couro preto, enquanto ela própria acomodava-se defronte a ele, à escrivaninha.

“Acabo de encontrar o dr. Roediger no corredor. Então, amanhã a senhorita parte para o campo?”

Marianne contemplou-o como se a espantasse a frieza no tom daquelas perguntas, deixando cair os ombros ao ouvi-lo prosseguir com voz quase rude: “Acho isso bastante sensato”. E Fridolin pôs-se a explicar com objetividade como o ar puro e o novo ambiente fariam bem a ela.

Lágrimas escorriam pelo rosto de Marianne, sentada imóvel. Ele a observava sem qualquer compaixão, mas, antes, com impaciência, e a idéia de que, no minuto seguinte, ela talvez fosse novamente

atirar-se aos pés dele, repetindo a confissão do dia anterior, enchia-o de temor. Como, no entanto, ela permanecesse calada, ele se levantou bruscamente. “Sinto muitíssimo, senhorita, mas...” Fridolin olhou para o relógio.

Ela ergueu a cabeça, fitou-o, e as lágrimas seguiam escorrendo-lhe pelo rosto. De bom grado, ele teria dito a ela algumas palavras amáveis, mas não logrou fazê-lo.

“Decerto, a senhorita vai permanecer alguns dias no campo”, recomeçou, algo forçado. “Espero que me dê notícias... O dr. Roediger, aliás, disse-me que o casamento é para logo. Permita-me expressar desde já minhas felicitações à senhorita.”

Marianne não se moveu, como se nem tivesse tomado conhecimento do cumprimento, da despedida. Fridolin estendeu-lhe a mão, que ela não acolheu, e, quase num tom de censura, repetiu: “Bem, espero confiante que a senhorita me dê notícias de seu estado. Até mais ver, srta. Marianne”. Ela permanecia na mesma posição, parecia petrificada. Ele partiu; por um segundo, deteve-se junto à porta, como se lhe concedesse ainda algum prazo adicional para chamá-lo de volta, mas ela pareceu, antes, voltar a cabeça para o outro lado, ao que ele, então, foi-se embora. Lá fora, no corredor, sentiu algo como arrependimento. Por um momento, pensou em voltar, porém intuiu que, acima de tudo, teria sido demasiado ridículo fazê-lo.

Mas o que faria agora? Iria para casa? Aonde mais? Afinal, já não havia nada que pudesse fazer àquela hora. E amanhã? Faria o quê? E como? Sentia-se atabalhado, desamparado, tudo lhe escorria por entre os dedos; tudo se tornava irreal, seu lar, sua esposa, sua filha, sua profissão, e até ele próprio, caminhando mecanicamente pelas ruas noturnas, os pensamentos divagando sem rumo.

Na torre da Câmara Municipal, o relógio bateu sete e meia. Era-lhe, de resto, indiferente saber as horas; diante de si, o tempo se estendia inteiramente supérfluo. Nada, ninguém lhe importava. Sentia uma leve pena de si mesmo. Apenas de passagem, não como um propósito qualquer, veio-lhe a idéia de dirigir-se a uma estação ferroviária, tomar um trem para onde quer que fosse,

desaparecer para todos os que o conheciam, ressurgindo em algum lugar no estrangeiro para começar vida nova como outra pessoa, um novo ser humano. Lembrou-se de certos casos notáveis que conhecia dos livros de psiquiatria, aqueles das assim chamadas existências duplas: de repente, um homem desaparece, deixando para trás uma vida bastante ordenada; some, retorna meses ou anos mais tarde, não se lembra de onde esteve ao longo desse tempo, mas, depois, é reconhecido por alguém que o viu em alguma parte de um país distante, sem que ele próprio se lembre de coisa alguma. Decerto, tais coisas aconteciam raramente; ainda assim, eram casos comprovados. E, de maneira mais amena, muitas pessoas viviam experiências similares. Acordando de um sonho, por exemplo. Claro, nós nos lembramos... Certamente, há também os sonhos que esquecemos por completo, dos quais nada permanece além de um estranho estado de espírito, um misterioso atordoamento. Ou lembramo-nos somente mais tarde, muito mais tarde, e então nem mais sabemos se vivemos de fato a situação ou se apenas a sonhamos. Só que... Só que...

E, caminhando assim, tendo tomado involuntariamente a direção de casa, Fridolin foi parar nas redondezas da ruazinha escura e bastante mal-afamada pela qual, havia menos de vinte e quatro horas, seguira uma criatura perdida rumo a seu quarto modesto, mas aconchegante. *Perdida*, justo ela? E *mal-afamada*, aquela ruazinha? Seduzidos pelas palavras, e movidos pela preguiça do hábito, como vivemos designando e julgando ruas, destinos, pessoas! No fundo, de todas as pessoas ao encontro das quais estranhos acasos o haviam conduzido na noite anterior, aquela moça não tinha sido a mais graciosa, e mesmo a mais pura? Fridolin experimentou alguma comoção ao lembrar-se dela. E agora lembrava-se também de sua intenção da noite anterior; subitamente decidido, comprou toda sorte de guloseimas na loja mais próxima; andando junto às paredes dos edifícios com o pacotinho na mão, sentiu-se nada menos do que contente por saber-se em via de praticar uma ação no mínimo sensata, e talvez até louvável. Ainda assim, levantou a gola ao adentrar o vestíbulo,

subiu vários degraus de cada vez e ouviu o indesejado som estridente da campainha ecoar-lhe nos ouvidos. Depois, ao receber de uma senhora mal-apeçoada a notícia de que a srta. Mizzi não se encontrava em casa, respirou aliviado. Antes, porém, que a senhora tivesse tido oportunidade de receber o pacotinho em nome da ausente, uma outra moça, ainda jovem e não desprovida de beleza, achegou-se envolta numa espécie de roupão de banho, dizendo: “Por quem o cavalheiro está procurando? Pela srta. Mizzi? Esta não volta para casa tão cedo”.

A mais velha fez-lhe sinal para que se calasse; Fridolin, no entanto, como se desejasse obter urgente confirmação para aquilo que, de algum modo, já supusera, observou simplesmente: “Ela está no hospital, não é?”.

“Bom, se o cavalheiro já sabe... Mas eu estou bem de saúde, graças a Deus!”, exclamou ela contente, aproximando-se bastante de Fridolin com os lábios entreabertos e um requebro tão insolente do tronco que seu roupão se abriu. Num gesto de recusa, ele informou: “Estou apenas de passagem e subi para trazer algo a Mizzi”. De repente, viu-se como um ginasião. E, em outro tom, mais objetivo, perguntou: “Sob os cuidados de quem está internada?”.

A moça disse o nome de um catedrático de quem Fridolin fora assistente alguns anos antes. Depois, acrescentou benevolente: “O senhor pode me dar o pacotinho; eu levo para ela amanhã. Pode confiar, não vou comer nada. Transmito os cumprimentos e digo a ela que o senhor não foi infiel”.

Ao mesmo tempo, porém, tornou a se aproximar dele, rindo. Mas quando Fridolin recuou um pouco, ela desistiu de imediato e observou em tom de consolo: “O doutor disse que em seis ou, no máximo, oito semanas ela volta para casa”.

Ao atravessar a porta em direção à rua, ele sentiu lágrimas na garganta; mas sabia que aquilo não significava propriamente comoção, e sim, antes, um gradual enfraquecimento dos nervos. Imprimiu deliberadamente uma rapidez e vivacidade a seus passos que não condiziam com seu estado de ânimo. Teria sido aquela tentativa um novo e derradeiro sinal de que haveria de fracassar

em tudo? Por quê? De qualquer modo, o fato de ter escapado de enorme perigo podia constituir também um bom sinal. Era justamente aquilo que importava: escapar de perigos? Perigos outros, e de todos os tipos, ainda o aguardavam. Nem sequer cogitava de abandonar as investigações em busca da mulher maravilhosa da noite anterior. Agora, contudo, já não tinha tempo para tanto. E, ademais, precisava ponderar com exatidão a maneira como daria prosseguimento às investigações. Se ao menos tivesse alguém com quem pudesse se aconselhar! Mas não conhecia ninguém a quem pudesse revelar de bom grado as aventuras da noite. Havia anos que não possuía de fato com ninguém a intimidade de que desfrutava com a esposa, e com ela não podia se aconselhar nesse caso — nem nesse nem em qualquer outro. Afinal, a verdade era uma só: ela o mandara crucificar.

Fridolin sabia agora por que, em vez de conduzi-lo para casa, seus passos seguiam levando-o sempre e involuntariamente na direção contrária. Não queria, não podia encarar Albertine naquele momento. O mais sensato era ir jantar em algum lugar; depois, dirigir-se ao hospital para dar uma olhada naqueles dois casos, e não chegar em casa — “em casa!” — sem ter a certeza de que encontraria Albertine já dormindo.

Entrou num café, um dos mais distintos e tranquilos nas proximidades da Câmara Municipal, telefonou para casa avisando que não o esperassem para o jantar, desligou rapidamente, a fim de evitar que Albertine pegasse ainda o telefone, e sentou-se então a uma janela, cuja cortina fechou. Num canto distante, um cavalheiro acabava de se acomodar; vestia um sobretudo preto, o restante de sua vestimenta revelando-se igualmente discreto. Fridolin lembrou-se de, ao longo do dia, já ter visto aquela fisionomia em algum lugar. Claro que podia ser uma simples coincidência. Abriu um jornal vespertino e, como fizera na noite anterior em outro café, pôs-se a ler algumas linhas aqui e ali. Matérias sobre acontecimentos políticos, teatro, arte, literatura, e sobre toda sorte de pequenos e grandes infortúnios. Numa cidade dos Estados Unidos de que jamais ouvira falar, um teatro fora consumido por um incêndio. O limpa-chaminés Peter Korand

pulara da janela. De certo modo, soou peculiar a Fridolin que também limpa-chaminés se suicidasse vez por outra; assim, sem querer, perguntava-se se o homem tinha se lavado antes ou se saltara rumo ao nada sujo de fuligem como estava. Num hotel distinto do centro da cidade, uma mulher se envenenara pela manhã, uma dama que se hospedara ali havia poucos dias sob o nome de baronesa D., uma senhora extraordinariamente bela. Fridolin sentiu-se de imediato tomado por uma suspeita. A dama voltara para o hotel às quatro horas da manhã, na companhia de dois cavalheiros que dela tinham se despedido no portão. Quatro horas. Precisamente a hora em que também ele havia chegado em casa. E, por volta do meio-dia — prosseguia a notícia —, encontraram-na inconsciente em sua cama, com sintomas de envenenamento grave... Uma jovem senhora, extraordinariamente bela... Por certo, existiam muitas jovens senhoras extraordinariamente belas... Não havia razão para supor que a baronesa D. — ou, antes, a dama que, sob o nome de baronesa D., se hospedara no hotel — e certa outra senhora fossem a mesma pessoa. E, no entanto... o coração de Fridolin disparou, o jornal tremia em suas mãos. Num hotel distinto do centro da cidade... Qual hotel? Por que tanto mistério, tanta discrição?

Fridolin baixou o jornal e notou que, no mesmo instante, o cavalheiro no canto distante do café enfiava também um jornal diante do rosto, um grande jornal ilustrado, como se fosse uma cortina. Retomou a leitura de pronto e, naquele momento, soube que a baronesa D. não podia ser outra pessoa senão a mulher da noite anterior... Num hotel distinto do centro da cidade... Não havia muitos a considerar — sobretudo para uma baronesa D. Acontecesse, pois, o que acontecesse, ele tinha de seguir aquela pista. Fridolin chamou o garçom, pagou e saiu. À porta, voltou-se ainda uma vez na direção do cavalheiro suspeito no canto distante. Estranhamente, porém, ele sumira...

Envenenamento grave... Mas estava viva... No momento em que a encontraram, ainda estava viva. E, afinal, não havia motivo para supor que não fora salva. De todo modo, estivesse ela viva ou morta, ele iria encontrá-la. E a veria — qualquer que fosse o

caso, viva ou morta. Iria vê-la; homem algum na superfície da Terra podia impedi-lo de ver a mulher que morrera por sua causa — sim, por *ele*. Era o culpado pela morte dela — ele e mais ninguém —, se se tratava de fato da mesma mulher. Sim, era ela. Chegando em casa às quatro da manhã na companhia de dois cavalheiros! Provavelmente, os mesmos que, uma ou duas horas mais tarde, levaram Nachtigall à estação. Decerto, os cavalheiros não tinham a consciência muito limpa.

Parado na praça ampla e larga defronte da Câmara Municipal, Fridolin olhava para todos os lados. Divisou apenas umas poucas pessoas, e o cavalheiro suspeito do café não se achava entre elas. Ainda que o houvesse encontrado ali — os cavalheiros estavam com medo; a superioridade era dele. Fridolin apressou-se, tomou um carro no Ring, fez-se conduzir até o Hotel Bristol e, lá, como se lhe coubesse o direito ou a incumbência de fazê-lo, informou-se com o porteiro, perguntando-lhe se a baronesa D., que, conforme era sabido, se envenenara naquela manhã, estivera hospedada ali. O porteiro não pareceu se espantar; talvez tenha tomado Fridolin por algum cavalheiro da polícia ou por um outro funcionário qualquer; de todo modo, respondeu com gentileza que o triste acontecimento não tivera lugar ali, mas no Hotel Erzherzog Karl.

Fridolin partiu imediatamente para o hotel indicado e recebeu ali a informação de que a baronesa D., uma vez encontrada, fora levada sem demora para o Hospital Geral. Perguntou ainda como haviam descoberto a tentativa de suicídio. O que tinha chamado a atenção para a dama já ao meio-dia, se ela regressara ao hotel apenas às quatro horas da manhã? Era bastante simples: dois cavalheiros (de novo, dois cavalheiros!) perguntaram por ela às onze horas da manhã. Como ela não respondesse a repetidas chamadas telefônicas, a camareira batera à porta; como, de novo, ninguém respondesse e a porta estivesse trancada por dentro, nada mais havia a fazer senão arrombá-la, e assim tinham encontrado a baronesa deitada na cama, inconsciente. Depressa, chamaram, então, o socorro e a polícia.

“E os dois cavalheiros?”, perguntou Fridolin, incisivo, sentindo-se como um membro da polícia secreta.

Pois é, os cavalheiros; decerto, haviam dado o que pensar: sumiram sem deixar pistas. De resto, seguramente a dama não era quem afirmara ser ao se hospedar no hotel sob o nome de uma certa baronesa Dubieski. Tinha sido a primeira vez que se hospedara ali, e não existia família alguma com aquele nome — ou, ao menos, nenhuma família da nobreza.

Fridolin agradeceu as informações e afastou-se com grande rapidez, uma vez que um dos gerentes do hotel, que acabara de se aproximar, pusera-se a inspecioná-lo com desagradável curiosidade. De volta ao carro, pediu que o levassem ao hospital. Poucos minutos depois, na Internação, ficou sabendo não apenas que a suposta baronesa Dubieski dera entrada em uma das clínicas, mas também que, a despeito de todos os esforços médicos, tinha falecido às cinco horas da tarde — sem haver recobrado a consciência.

Fridolin respirou fundo, ou assim acreditou ter feito, quando, na verdade, deixara escapar um pesado suspiro. O funcionário de serviço ergueu os olhos algo espantados em sua direção. De pronto, Fridolin recompôs-se, despediu-se gentilmente e, no minuto seguinte, achava-se de novo ao ar livre. O jardim do hospital estava quase vazio. Uma enfermeira passava sob a luz de um poste numa alameda vizinha, vestindo avental listrado de azul e branco e uma touca branca. “Morta”, disse Fridolin para si mesmo. Se é que se trata da mesma mulher. Mas e se não for? Se ainda estiver viva, como faço para encontrá-la?

Onde estava o corpo da desconhecida naquele momento, essa era uma pergunta que ele podia responder com facilidade. Como morrera fazia apenas algumas horas, por certo jazia no necrotério, a apenas umas poucas centenas de passos dali. Como médico, naturalmente não teria dificuldade em conseguir acesso ao local, mesmo àquela hora da noite. Mas — o que queria lá? Conhecia somente o corpo daquela mulher, jamais vira seu rosto; lograra apenas vislumbrá-lo de passagem, no momento em que, na noite passada, deixava o salão de dança, ou, melhor dizendo, era expulso

de lá. Se, até então, nem sequer ponderara tal circunstância, isso se devia ao fato de, ao longo das horas que haviam se passado desde que lera a notícia no jornal, Fridolin ter sempre imaginado a suicida, cujo semblante não conhecia, com as feições de Albertine — somente agora, arrepiando-se, tomava consciência de haver tido sempre diante dos olhos a imagem da esposa como a mulher que procurava. Mais uma vez, perguntou-se o que queria de fato no necrotério. Se a reencontrasse com vida — hoje, amanhã, dali a anos, quando, onde e em que ambiente fosse —, estava convencido de que indubitavelmente a reconheceria por seu andar, sua postura e, sobretudo, por sua voz. Agora, porém, só poderia rever seu corpo: um cadáver de mulher e um semblante do qual não conhecia senão os olhos — olhos que haviam se apagado para sempre. Sim, conhecia os olhos, e os cabelos, que, naquele último instante, antes de ele ser enxotado do salão, tinham se soltado de súbito, encobrendo o corpo nu. Aquilo bastaria para lhe dar a certeza inequívoca de que se tratava de fato dela?

A passos lentos e hesitantes, Fridolin pôs-se a atravessar os pátios tão conhecidos em direção ao Instituto de Anatomia e Patologia. Deparou-se com o portão destrancado, de modo que não precisou tocar a campainha. Caminhava pelo corredor mal iluminado, o chão de pedra ressoando sob seus passos. Envolveu-o o cheiro conhecido, familiar, de certo modo, de toda sorte de produtos químicos, que sobrepujava o odor tradicional do edifício. Fridolin bateu à porta do Gabinete de Histologia, onde supunha poder ainda encontrar algum assistente em meio ao trabalho. Ao ouvir um rude “entre”, adentrou a sala alta e suntuosamente iluminada, em cujo centro, conforme esperava, seu velho colega de faculdade e assistente do Instituto, dr. Adler, afastava os olhos do microscópio para, em seguida, levantar-se da cadeira.

“Oh, meu caro colega”, cumprimentou-o o dr. Adler, ainda e sempre um tanto a contragosto, mas surpreso também. “A que devo a honra numa hora tão inusual?”

“Perdoe-me o incômodo”, desculpou-se Fridolin, “você está no meio do trabalho.”

“De fato”, respondeu Adler no tom incisivo que lhe era próprio desde os tempos de estudante. E, com maior leveza, acrescentou: “O que mais alguém teria a fazer nestas salas sagradas por volta da meia-noite? Mas é claro que você não está me incomodando. Em que posso ajudar?”.

E, como Fridolin não respondesse de imediato: “O Addison que vocês mandaram aqui para baixo hoje jaz ainda, graciosamente intocado, ali do outro lado. Autópsia: amanhã cedo, às oito e meia”.

Ao ver Fridolin balançar a cabeça negativamente, ele prosseguiu:

“Ah, sim... o tumor na pleura! Bem, o exame histológico constatou sarcoma, sem sombra de dúvida. Quanto a isso, portanto, vocês não precisam se descabelar de preocupação.”

De novo, Fridolin repetiu o movimento da cabeça. “Não se trata de... trabalho.”

“Ora, melhor ainda”, disse Adler. “Eu já estava pensando que tinha sido algum peso na consciência que o tivesse trazido até aqui no meio de uma noite de sono.”

“É, tem a ver com consciência pesada, ou, ao menos, com uma questão de consciência”, respondeu Fridolin.

“Oh!”

“Serei direto”, principiou, buscando um tom seco, mas inofensivo. “Eu gostaria de obter informação sobre uma paciente que morreu hoje à tarde na clínica, de envenenamento provocado por morfina, e que agora deve estar aqui embaixo: uma certa baronesa Dubieski.” E, mais rápido, prosseguiu: “É que eu suspeito que essa suposta baronesa seja uma pessoa que conheci de passagem, anos atrás. E me interessaria saber se essa suspeita procede”.

“*Suicidium?*”, perguntou Adler.

Fridolin assentiu com a cabeça. “É, ela se matou”, traduziu, como se desejasse com isso conferir de novo à questão o seu caráter privado.

Adler esticou um dedo zombeteiro na direção de Fridolin: “Amor não correspondido por Vossa Excelência?”.

Fridolin negou, algo irritado. “A morte dessa baronesa nada tem a ver com a minha pessoa.”

“Está bem, está bem, não quero ser indiscreto. Podemos verificar isso agora mesmo. Que eu saiba, não recebemos hoje à tarde nenhuma incumbência da Medicina Legal. Em todo caso...”

Medicina Legal, cintilou a mente de Fridolin. Poderia bem ser o caso. Afinal, quem sabe se o suicídio dela terá sido voluntário? Outra vez, vieram-lhe à mente os dois cavalheiros que haviam desaparecido tão subitamente do hotel, depois de ficarem sabendo do suicídio. O acontecimento podia ainda tomar o rumo de um clamoroso caso policial. Será que ele — Fridolin — não acabaria convocado como testemunha? Sim, não se veria, na verdade, obrigado a se apresentar espontaneamente à Justiça?

Seguiu o dr. Adler pelo corredor até a porta do outro lado, que estava entreaberta. A sala despojada e alta recebia fraca iluminação de duas chamas algo reduzidas de uma luminária a gás de dois braços. Das doze ou catorze mesas anatômicas, apenas umas poucas se encontravam ocupadas. Alguns corpos jaziam nus sobre elas; outros estavam recobertos por lençóis. Fridolin aproximou-se da primeira mesa, junto à porta, e descobriu com cuidado a cabeça do cadáver. Provindo da lanterna elétrica do dr. Adler, um claro fecho de luz iluminou-a de súbito. Fridolin divisou um rosto masculino amarelado, barbas grisalhas e logo tornou a cobrir o defunto com o lençol. Sobre a mesa seguinte jazia o corpo nu e franzino de um jovem. De uma outra mesa, mais adiante, o dr. Adler chamou: “Uma mulher de sessenta, setenta anos. Decerto não será ela”. Então, como se, de repente, algo o atraísse, Fridolin caminhou rumo ao fundo da sala, de onde lhe chegava o brilho pálido de um corpo de mulher. A cabeça estava tombada para o lado; madeixas escuras e longas desciam quase até o chão. Ele estendeu a mão involuntariamente, a fim de endireitar a cabeça, mas, com uma timidez que, na qualidade de médico, lhe era estranha, hesitou. O dr. Adler aproximara-se e, apontando para os corpos atrás de si, comentou: “Os outros não interessam? É esta, então?”. Com a lanterna, iluminou a cabeça da mulher, que Fridolin, vencendo a timidez,

havia tomado nas mãos e erguido ligeiramente. Fitou-o um semblante branco, com as pálpebras semicerradas. O queixo pendia flácido, o lábio superior, fino e erguido, deixava entrever a gengiva azulada e uma fileira de dentes brancos. Se alguma vez, talvez ainda na noite passada, aquele rosto fora belo, Fridolin não teria sido capaz de dizer; era agora um rosto vazio, morto. Podia pertencer igualmente a uma mulher de dezoito anos ou a uma de trinta e oito.

“É ela?”, perguntou o dr. Adler.

Involuntariamente, Fridolin curvou-se ainda mais em direção à mulher, como se, com o olhar penetrante, pudesse arrancar uma resposta àqueles traços enrijecidos. E então percebeu: ainda que fosse de fato o rosto *dela*, os olhos *dela*, aqueles olhos que, tão ávidos de vida, tinham brilhado nos seus na noite anterior, ele não saberia, não poderia — não queria, afinal, saber. Com suavidade, tornou a deitar a cabeça dela na mesa e deixou que seu olhar vagasse pelo corpo morto, o caminho iluminado pela luz da lanterna elétrica. Era o corpo dela? — o magnífico corpo a desabrochar, tão sofregamente desejado na noite anterior? Fridolin via o pescoço franzido, amarelado, o par de seios pequenos de menina, agora algo frouxos, em meio aos quais o osso do peito se desenhava com cruel nitidez sob a pele pálida, como se a preparar a obra da decomposição; via a curva parda e opaca do baixo-ventre, coxas bem modeladas abrindo-se indiferentes na sombra escura e, agora, desprovida de mistério ou significado; via o abaulamento ligeiramente voltado para fora dos joelhos, as tíbias angulosas e os pés esbeltos, com os dedos curvados para dentro. Tudo isso ia, pouco a pouco, mergulhando na escuridão, enquanto o facho da lanterna elétrica percorria o caminho de volta com velocidade redobrada, até deter-se, afinal, um tanto trêmulo, no semblante pálido. Em outro impulso involuntário, como se compelido e conduzido por um poder invisível, Fridolin pôs-se a tocar com as duas mãos a testa, as maçãs do rosto, os ombros e os braços da mulher morta; depois, tal qual num jogo amoroso, entrelaçou seus dedos aos da falecida

e, rijos como estavam, pareceu-lhe que os dedos dela buscavam se mover, intentando segurar os seus; sim, pareceu-lhe que um olhar distante e sem cor vagava sob as pálpebras semicerradas à procura do seu; e, atraído como por magia, ele se curvou sobre ela.

Então, ouviu um sussurro às suas costas: “Mas o que está fazendo?”.

Fridolin voltou bruscamente a si. Soltou seus dedos dos dela, tomou-lhe os pulsos delgados e, com cuidado e até com certa minúcia, pousou os braços gelados ao lado do tronco. Para ele, era como se somente agora, naquele exato momento, aquela mulher houvesse morrido. Virando-se, dirigiu seus passos rumo à porta, atravessou o corredor retumbante e retornou ao gabinete de trabalho que ambos haviam deixado pouco antes. O dr. Adler o seguiu em silêncio e trancou a porta.

Fridolin foi até a pia. “Posso?”, perguntou, e lavou cuidadosamente as mãos com lisol e sabonete. Enquanto isso, o dr. Adler parecia querer retomar de pronto o trabalho interrompido. Tornara a acender a luz, girara o micrômetro e olhava pelo microscópio. Quando Fridolin aproximou-se para se despedir, seu colega encontrava-se já mergulhado no trabalho.

“Quer dar uma olhada neste preparado?”, perguntou.

“Por quê?”, perguntou Fridolin, distraído.

“Bem, para tranquilizar a consciência”, respondeu o dr. Adler, como se imaginasse ter a visita do colega um propósito exclusivamente médico-científico.

“Compreende o que vê?”, perguntou, enquanto Fridolin olhava pelo microscópio. “É um método de coloração bastante recente.”

Fridolin assentiu sem desviar o olhar do instrumento. “Ideal, de fato”, observou, “uma imagem de cores esplendorosas, pode-se dizer.”

E informou-se acerca de detalhes diversos da nova técnica.

O dr. Adler forneceu-lhe os esclarecimentos desejados, e Fridolin manifestou a opinião de que aquele novo método provavelmente lhe prestaria bons serviços num trabalho que pretendia desenvolver em breve. Pediu permissão para, no dia seguinte ou no outro, retornar ali em busca de mais explicações.

“Estou à disposição”, respondeu-lhe o dr. Adler, acompanhando o colega pelo ressoante piso ladrilhado até o portão, que, naquele meio-tempo, havia sido trancado. Abriu-o, então, com sua chave.

“Você vai ficar?”, perguntou Fridolin.

“Mas claro”, respondeu o dr. Adler, “esta é a melhor hora para se trabalhar — da meia-noite até o amanhecer. Pelo menos, pode-se estar seguro de não ser incomodado.”

“Bem...”, comentou Fridolin com um sorriso leve e culpado.

O dr. Adler pousou a mão em seu braço, tranquilizando-o e perguntando a seguir: “Então... Era ela?”.

Fridolin hesitou por alguns instantes; depois, assentiu sem nada dizer; mal tinha consciência de que aquele sim constituía possivelmente uma inverdade. Sim, pois ele sabia: se a mulher que agora jazia lá dentro, no necrotério, era a mesma que, vinte e quatro horas antes, ao som feroz do piano de Nachtigall, ele tivera nua em seus braços, ou se a morta era outra pessoa, uma desconhecida, uma estranha completa com quem jamais estivera antes; ainda que a mulher que estivera procurando, desejando, a mulher que havia amado por uma hora, talvez, estivesse viva, e não importava de que maneira dava prosseguimento a sua vida — o que ele havia deixado para trás naquela sala abobadada, sob o brilho tremulante das luminárias a gás, uma sombra entre outras sombras, escura, desprovida de significado e mistério, para ele não significava, já não podia significar senão o cadáver pálido da noite anterior, destinado a irrevogável decomposição.

PELAS RUAS SOMBRIAS E DESERTAS, Fridolin apressava-se na direção de casa e, poucos minutos mais tarde, depois de haver se despido no consultório — como fizera vinte e quatro horas antes —, entrava no quarto de dormir, tão silenciosamente quanto possível.

Ouviu a respiração serena e regular de Albertine e viu o contorno de sua cabeça delineando-se no travesseiro macio. Um inesperado sentimento de ternura, e mesmo de segurança, penetrou-lhe o coração. Prometeu a si mesmo contar logo a ela, talvez já na manhã seguinte, a história da noite anterior, mas como se tudo o que vivera houvesse sido um sonho — depois, então, quando ela já tivesse sentido e reconhecido a total insignificância daquelas aventuras, confessaria à esposa que haviam sido realidade. Realidade?, perguntou-se, e divisou no mesmo instante, bem junto ao rosto de Albertine, mas no travesseiro ao lado, no travesseiro *dele*, um escuro contorno, como as linhas sombreadas de um rosto humano. Por um segundo, seu coração parou; em seguida, porém, percebeu do que se tratava, estendeu a mão rumo ao travesseiro e pegou a máscara que usara na noite anterior e que, enquanto embrulhava o pacote pela manhã, devia ter caído sem que ele notasse e possivelmente sido apanhada pela governanta ou pela própria Albertine. Não restava dúvida, pois, que, uma vez tendo-a achado, Albertine havia de ter adivinhado muita coisa, provavelmente mais e de ainda maior gravidade do que aquilo que de fato se passara. Contudo, a maneira como o havia comunicado disso, sua idéia de pôr a máscara no travesseiro ao lado — como se a representar as feições do marido, transformadas agora para ela num enigma —, essa atitude brincalhona, quase travessa, parecendo exprimir ao mesmo tempo uma suave advertência e a disposição de perdoar, deu a Fridolin a esperança e a certeza de que, talvez em virtude da lembrança do

sonho que ela própria tivera, Albertine estava propensa a, fosse o que fosse que houvesse acontecido, não tomar o fato com demasiada seriedade. Fridolin, todavia, sentindo-se já subitamente sem forças, deixou que a máscara escorregasse para o chão e, de forma inesperada até mesmo para si próprio, pôs-se a soluçar alta e dolorosamente, abaixando-se à beira da cama e chorando baixinho no travesseiro.

Poucos segundos depois, sentiu a mão macia acariciar-lhe os cabelos. Levantou, então, a cabeça e, do fundo do coração, escaparam-lhe as palavras: “Vou contar tudo a você”.

A princípio, Albertine ergueu a mão em silente recusa; Fridolin tomou-a, segurou-a entre as suas, e lançou à esposa um olhar a um só tempo de dúvida e súplica. Ela consentiu, ele começou a contar.

O dia amanhecia cinzento através das cortinas quando ele terminou. Nem uma única vez ela o interrompera com perguntas curiosas ou impacientes. Sentiu que ele não queria nem podia ocultar-lhe nada. Deitada e serena, os braços sob a nuca, ela fez ainda longo silêncio depois de ouvir-lhe a história. Por fim, deitado ao lado dela, Fridolin curvou-se sobre a esposa e, diante daquele rosto imóvel com os grandes olhos claros, nos quais o novo dia parecia agora estar nascendo também, perguntou-lhe repleto de incerteza e esperança: “O que vamos fazer, Albertine?”.

Ela sorriu e, após breve hesitação, respondeu: “Agradecer ao destino, penso eu, por termos escapado incólumes de todas as aventuras — as reais e as sonhadas”.

“Você tem certeza de que é o que você quer também?”, perguntou ele.

“Estou tão certa quanto suspeito que a realidade de uma noite ou mesmo de toda uma vida não representa sua verdade mais íntima.”

“Nem sonho algum”, suspirou Fridolin baixinho, “é totalmente sonho.”

Ela tomou a cabeça dele nas mãos e aninhou-a com carinho sobre o peito. “Agora estamos os dois acordados”, disse, “e assim será por muito tempo.”

Para sempre, ele quis acrescentar, mas antes ainda que houvesse pronunciado as palavras, ela colocou-lhe um dedo nos lábios e, como se o fizesse para si mesma, sussurrou: “Melhor não perguntar ao futuro”.

E assim permaneceram ambos deitados, talvez cochilando um pouco, juntos um do outro e sem sonhar — até que, como em todas as manhãs, bateram na porta às sete horas e, com os ruídos habituais provindos da rua, um vitorioso raio de luz atravessando a fenda na cortina e uma aguda risada de criança no quarto ao lado, principiou o novo dia.

ARTHUR SCHNITZLER (1862-1931), médico de formação, dramaturgo, romancista, contista e ensaísta, foi um dos maiores expoentes da literatura austríaca da virada do século. Dele a Companhia das Letras publicou *O retorno de Casanova* e *Contos de amor e morte*.

Copyright © 1926 by S. Fischer Verlag AG, Berlim

Título original
Traumnovelle

Capa
Jeff Fisher

Preparação
Márcia Copola

Revisão
Renato Potenza Rodrigues
Pedro Carvalho
Diana Passy

ISBN 978-85-8086-656-8

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA SCHWARCZ LTDA.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br

Sumário

Capa

Rosto

Breve romance de sonho

1

2

3

4

5

6

7

Sobre o autor

Créditos